



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS SAÚDE E TECNOLOGIA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CRISTIANE DOS SANTOS NEVES**

**ESCOLA FORMAL E ESCOLA DA VIDA:  
DISCUTINDO AS INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR SOBRE A  
FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA.**

**Imperatriz-Ma**

**2023**

CRISTIANE DOS SANTOS NEVES

**ESCOLA FORMAL E ESCOLA DA VIDA:  
DISCUTINDO AS INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR SOBRE A  
FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA.**

Monografia apresentada ao Curso Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCSST, como pré-requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. José Edilmar de Sousa

IMPERATRIZ-MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria  
Integrada de Bibliotecas/UFMA

DOS SANTOS NEVES, CRISTIANE.

ESCOLA FORMAL E ESCOLA DA VIDA : DISCUTINDO AS  
INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR SOBRE A FORMAÇÃO EM  
PEDAGOGIA / CRISTIANE DOS SANTOS NEVES. - 2023.

57 f.

Orientador(a): JOSÉ EDILMAR DE SOUSA.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Ascensão social. 2. Educação escolar. 3.

Pedagoga. I. DE SOUSA, JOSÉ EDILMAR. II. Título.

**CRISTIANE DOS SANTOS NEVES**

**ESCOLA FORMAL E ESCOLA DA VIDA:  
DISCUTINDO AS INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR SOBRE A  
FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA.**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa (Orientador)

---

Profa. Dra. Francisca Melo Agapito

---

Profa. Dra. Kessia Mileny de Paulo Moura

*Dedico à minha mãe Francisca e à minha filha Emily  
Cristinne, que tanto me influenciaram e incentivaram  
buscando sempre alcançar um futuro melhor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Venho através deste memorial de formação agradecer a todos os apoiadores que sempre torceram por meu crescimento e mostraram que além de palavras de apoio precisamos de bons conselhos e até mesmo reclamações, afinal estamos em constante aprendizado e muitas vezes precisamos reconhecer nossos erros e corrigi-los.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus todo poderoso que me deixou vir ao mundo cheia de sonhos e esperanças para não me conformar com o que tenho e buscar sempre mais,

Aos pais que ele me deu que não poderiam existir melhores.

Agradeço ao meu pai Antônio que, mesmo sem ser sua filha de sangue, me criou e me deu amor, me ensinou que na vida precisamos ser fortes e lutar sempre. Minha amorosa Mãe, Francisca, que sempre esteve ao meu lado, que chorou tantas vezes comigo ou por mim e nunca deixou de acreditar em mim, aos meus filhos: Emily, Tawan, Luann e Jhean, que são minha inspiração para não desistir nessa trajetória tão difícil chamada vida.

À minha irmã Luciana que me mostrou que sempre poderemos contar uma com a outra.

Agradeço ainda às minhas amadas amigas Sheyla, Polyane, Sara e Juliana que durante toda minha formação sempre me ajudaram, apoiaram, me fazendo acreditar que eu sou capaz,

Às minhas amigas pessoais que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos Maria, Fernanda, Hyanca, Bruna e Flaviana,

Aos meus professores amados que sempre tiveram um olhar diferenciado me fazendo acreditar ainda mais nesse laço de carinho que é construído em sala de aula em especial ao meu querido professor Edilmar, que tanto me apoiou e orientou nesse momento tão importante da minha vida essencial para minha formação, que se preocupou com minha saúde física e mental sempre me aconselhando e reclamando pra que me alimente bem, sou grata por cada um que fez parte desse momento de forma direta ou indireta em que busco um sonho por minha formação para que possa me tornar pedagoga.

## RESUMO

Este trabalho monográfico apresentado no formato de Memorial de Formação aborda a Educação Escolar e sua influência sobre o processo formativo de uma mulher pedagoga. Desse modo, tem como objetivo refletir sobre a influência da educação escolar no meu processo formativo como uma mulher pedagoga, buscando compreender como a educação escolar influencia nas transformações no âmbito social e pessoal. Baseado na perspectiva autobiográfica de Moura, (2019) que mostra a relevância do memorial de formação na conclusão acadêmica, reflete sobre experiências relevantes que consolidaram o desejo pela pedagogia. Em um exercício de autorreflexão, o trabalho narra e discute vivências escolares procurando evidenciar o entrelaçamento da a educação escolar com o processo formativo como um todo tanto em sua dimensão pessoal como também profissional. Os relatos apontam para o imbricamentos entre histórias vividas no cotidiano e na escola convergindo para que a autora se aproximasse gradativamente da Pedagogia como área de atuação profissional. .

**Palavras-chaves:** educação escolar. Ascensão social, Pedagoga.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO ESCOLAR E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>A MATERNIDADE COMO AGENTE TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>MINHA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: .....</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>A História se Repete: a maternidade e o desafio de continuar a escolaridade.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2</b>	<b>Minha Trajetória Como Mulher, Mãe, Trabalhadora Na Educação Escolar.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS NA PEDAGOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>5.1</b>	<b>Aprendendo a ensinar.....</b>	<b>32</b>
<b>5.2</b>	<b>Os estágios em minha formação.....</b>	<b>36</b>
<b>5.2.1</b>	<b>O estágio supervisionado em gestão de sistemas e instituições educacionais: minhas expectativas, desafios e aprendizagens.....</b>	<b>37</b>
<b>5.2.2</b>	<b>Estágio supervisionado: Docência nos anos iniciais do ensino fundamental.....</b>	<b>39</b>
<b>5.2.3</b>	<b>Estágio em docência na educação infantil.....</b>	<b>44</b>
<b>5.3</b>	<b>Das aulas à prática.....</b>	<b>48</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, no formato de memorial, tem como objetivo discutir sobre a influência da educação escolar no meu processo formativo como uma mulher pedagoga, trazendo memórias, desafios, aprendizados e principalmente superações no decorrer da minha vida, levando em consideração a história da mulher na sociedade, a trajetória na educação da mulher no Brasil e influências que a educação escolar proporciona. Para Moura (2019, p.83), “Os memoriais apresentam-se como fontes inesgotáveis e valiosas, por serem testemunhos vivos de alunos, professores, pesquisadores e tantas outras pessoas que estão relacionadas à área”.

Desta forma, reflito sobre vivências escolares que influenciaram em minha escolha pela formação acadêmica em pedagogia. Partindo do pressuposto de que a educação escolar provoca efeitos sociais, e contribuem para transformar e, posteriormente, como todas essas relações exercem influência sobre mim, sobre a minha mãe e sobre minha filha no sentido de acreditarmos na importância da educação escolar, se "agarrando" à escola e em vivências escolares como refúgio e apoio, em busca de melhores condições de vida. Dessa forma:

Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e ideias, a que geralmente chamamos “textos teóricos”). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo –, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo. Em se tratando do estilo, também há lugar para diferentes possibilidades: a opção pode ser por um tratamento mais literário, ou mais reflexivo, ou pela combinação de ambos. (Prado; Soligo, 2007, p.7-8 apud Moura, 2019, p.83).

Sendo assim, o memorial traz de forma narrativa contextualizada acontecimentos reais que são de significativa importância na formação acadêmica, geralmente relacionado com vivências ligadas ao nosso processo formativo, por isso acredito ser de grande relevância a reflexão sobre minhas vivências escolares que

desencadearam na minha vida como pedagoga em formação, visando através destas, mudanças significativas no meu estilo de vida social, econômico e financeiro buscando estabilidade para mim e meus filhos. Acreditando na importância de nossa história, nada melhor que um memorial para relatar meus pensamentos, vivências e contribuições e ressaltar a importância de cada etapa na construção do nosso caminho. "Os memoriais de formação são considerados como um gênero textual inscrito no conjunto de trabalhos das Ciências Sociais e Humanas que indica as histórias de vida como objeto de investigação de muitas áreas a partir dos anos 1970". (Moura, 2019, p.84). Contudo, esse memorial vem como relato (auto) biográfico descritivo, trazendo a trajetória de três mulheres de gerações diferentes que acreditam e buscam a ascensão social através da educação escolar que, mesmo diante todas as lutas de nós mulheres, não se conformaram com a sua situação inicial e acreditaram que poderiam mudar a sua história e influenciar outras mulheres através da educação escolar.

Levando em consideração que nossa história tem significado relevante em nosso destino e que as vivências são as principais responsáveis pelas decisões que norteiam nosso caminho, não poderia deixar de falar da minha história de mulher menina que se fez necessário pular etapas em busca de uma nova realidade, influenciada por minha mãe que tanto acreditou em um futuro melhor para mim e minha filha através dos estudos e futuro profissional, levando em consideração toda a luta da mulher perante a sociedade por direitos iguais, pelo direito de estudar que, segundo Oliveira,(2021), só foi garantido às mulheres em meados do século XIX, até então só poderiam ser ensinadas por mulheres e não poderiam se misturar com os meninos, levando-as a serem ministradas através de um currículo que as ensinavam de forma bem precária, que estava mais preocupado em torna-la uma boa mãe, dona de casa e esposa submissa ao marido que era escolhido pelo pai, geralmente muito mais velho que ela. Diante todas as dificuldades encontradas pela mulher na sociedade, minha mãe acreditou que, através da educação escolar, poderíamos alcançar uma vida melhor do que ela teve. Visando a isso, ela foi a grande incentivadora dos estudos para mim e minha irmã mais nova por toda nossa trajetória escolar.

Ao refletirmos que a pedagogia é fonte para que possamos buscar por mudanças tanto pessoais quanto dos alunos que posteriormente influenciaram e não

nos contentarmos com a situação que nos encontramos, vale lembrar o que Freire afirma:

Meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas, seu sujeito igualmente (Freire, 2008, p. 77).

Então por que me conformar com minha situação insatisfeita se posso transformar minha história e reescrevê-la? Tantas mulheres lutaram para garantir nossos direitos no decorrer da história e já conseguiram avanços significativos, como estudar nas mesmas condições que os homens, o direito ao voto, o divórcio e leis que nos ajudam com a proteção contra a violência doméstica. Muito ainda deve mudar e vemos que podemos mudar nosso destino, e a melhor maneira encontrada por muitas de nós tem sido através da educação escolar.

De acordo com Libâneo, (1994) a educação é um processo que permite transformações tanto no sentido histórico quanto no desenvolvimento pessoal, possibilitando que a educação escolar num sistema de instrução e ensino possa prover conhecimentos científicos formando a capacidade de pensar e buscar soluções aos problemas sociais que possam surgir. A educação escolar permite transformações e nos impulsiona sermos pessoas que buscam conhecimento para alcançarmos nossos ideais.

Através deste memorial tenho como **objetivo geral** refletir como meu processo formativo influenciou nas transformações em âmbito social, pessoal da mulher pedagoga no processo em formação. Por sequência, tenho os seguintes **objetivos específicos**:

- Discutir o papel da educação escolar no processo de emancipação de uma mulher pedagoga em formação.
- Descrever as vivências escolares no meu contexto formativo como mulher.

Desta forma, trago no **primeiro** capítulo um breve relato sobre a educação escolar e seu impacto na sociedade, as transformações sociais que podem ser alcançadas através da educação e sua importância para uma sociedade melhor e igualitária. Falo ainda sobre a trajetória da mulher na educação, a fim de relacionar com minhas vivências escolares que tanto influenciaram em minha escolha pela pedagogia.

No **segundo** capítulo trago a história da minha genitora que precisou abandonar a educação escolar por uma gravidez inesperada, indo contra tudo que era bem visto pela mulher naqueles dias, relato ainda minha infância de menina pobre filha de “pai” analfabeto e mãe com ensino fundamental incompleto, mas que ambos trabalhavam em escolas ele como vigia e ela como zeladora e por acreditarem nas mudanças através do ensino buscaram a diferença para mim e minha irmã através da educação escolar.

No **terceiro** capítulo relato, minhas experiências na infância em escola particular mesmo sendo de família pobre através de bolsa, as dificuldades por me sentir deslocada por estudar em uma escola de ricos, como um professor de escola pública mudou meu interesse e aprendizado pela disciplina de matemática após uma reprovação, foi aí o primeiro despertar pela pedagogia e como meus pais me incentivaram por uma formação, “a primeira de toda geração”, e a forma que a pedagogia estava relacionada desde minhas brincadeiras de infância até os dias atuais, os desafios e superações em cada fase que resultaram de forma inconsciente pelo desejo de ensinar.

No **quarto** capítulo apresento como a história se repetiu através da minha gravidez na adolescência enquanto ainda iniciava o ensino médio, como meu pai com seus costumes antiquados e tradicionais por acreditar ser uma vergonha uma filha solteira grávida me colocou para fora de casa quando descobriu, e como precisei superar todas as dificuldades para continuar na escola diante tantas mudanças repentinas. Apresento experiências de vida como mãe, e mulher que diante de um relacionamento abusivo e opressor me afastou da sala de aula por 12 anos e mesmo diante de tudo isso não desisti de buscar uma formação.

No **quinto** capítulo trago todas as dores que tive que passar e superações como mãe e mulher que buscava uma formação mesmo diante um casamento abusivo, como descobri todo sofrimento escondido por minha filha por 10 anos.

No **sexto** capítulo relato meu ingresso, vivências e aprendizados no ensino superior, como os estágios durante todo esse processo de construção me trouxeram segurança para vivenciar experiências em aulas de reforço, ensino de jovens em um programa na igreja de Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias da qual faço parte e ainda o ingresso em sala de aula, colocando em prática tudo que aprendi e como essas vivências escolares consolidaram o meu desejo pela pedagogia, e por fim concluo esse trabalho diante as considerações finais.

## 2 EDUCAÇÃO ESCOLAR E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE

Início com uma citação que me fez refletir muito “Uma criança, uma professora, uma caneta e um livro podem mudar o mundo” (MALALA YOUSAFZAI- Prêmio Nobel da Paz) apud OLIVEIRA, (2021). Saber que através do ensino podemos mudar muitas coisas e que não precisamos nos conformar com a nossa condição inicial, me traz esperanças e forças para continuar lutando por meus ideais e não desistir de alcançar meus sonhos. Muitas conquistas foram alcançadas na sociedade ao longo da história e a educação escolar é grande responsável por muitos avanços em diversas áreas. Quanto mais reflito sobre o poder de transformação que um professor em sala de aula pode tanto sobre a vida individual do aluno, turma ou sociedade mais me orgulha de ter escolhido a pedagogia como objeto de transformação social, pessoal e mental, afinal, esse foi o efeito em todas as áreas da minha vida desbloqueando muitos tabus que existiam antes.

Aprendi que a educação está em todos os lugares e podemos aprender de tudo de maneira formal ou mesmo informal, de acordo com Libâneo, (1994) o processo de ensino não está restrito a sala de aula.

Assim, em todos os lugares aprendemos algo, porém a educação escolar ocorre de forma organizada com intenção específica e objetivo, de forma a levar conhecimento e preparar o aluno.” Em sentido estrito, a educação ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais (Libâneo,1994, p.17).

Sabendo que a educação está em todos os lugares e que a educação escolar acontece de forma organizada e intencional entendemos que toda forma de aprender é relevante, todo conhecimento que adquirimos no decorrer da nossa história causa algum efeito em nós e nos ajuda a chegar onde desejamos. Através do ensino, podemos mudar nosso destino, podemos sair da situação atual que nos encontramos e alcançar uma nova condição, sendo capaz de mudar até mesmo nossa personalidade.

Educação é instituição social que ordena no sistema educacional de um país, num determinado momento histórico; é um produto, significando os resultados obtidos da ação educativa conforme propósitos sociais e políticos pretendidos; é o processo por consistir de transformações sucessivas tanto no sentido histórico quanto no de desenvolvimento da personalidade (Libâneo,1994, p.23).

Através da educação, nossas ações, pensamentos podem ser mudados e, nossa forma de pensar se torna mais ampla e clara e nos desperta o interesse por novas coisas mudando tanto nós quanto a sociedade. Foi dessa forma que minhas vivências escolares tanto me influenciaram no decorrer da minha história me fazendo ver muitas coisas de outra maneira, conhecer o mundo mesmo nas mais simples formas, como as aulas de artes que me mostraram várias formas de me expressar.

Assim como Libâneo, (1994) considera a educação uma mola do sucesso para subir na vida, muitos também acreditam, buscaram e alcançaram grandes transformações. Tendo a vida financeira como exemplo, podemos buscar um bom emprego e garantir uma vida estável através da educação escolar que abre muitas portas. Nos dias atuais, é importante ter uma formação para garantir muitas vagas no mercado de trabalho. O estudo está entrelaçado a qualquer área que desejarmos seguir. De acordo com minha mãe, quanto mais estudamos mais longe chegaremos na vida. Ela sempre acreditou que quem tem estudos têm tudo e foi visando isso que cresci buscando melhores condições de vida através da educação escolar.

Mesmo sabendo que para as mulheres tudo sempre foi mais difícil e que, na história, muitas lutas foram traçadas para garantir até mesmo o direito de estudar. Conquistas como o direito ao voto, por exemplo, só foi alcançado no Brasil em 1932, assim como relatou Oliveira, (2021). Empregos com as mesmas condições dos homens, já que Segundo a autora, a mulher ideal seria uma mulher pura, feminina e delicada que tivesse como objetivo ser boa esposa, mãe e dona de casa e esses não eram os meus planos para o futuro, não fomos ensinadas a ser independente ou lutar por nossos objetivos. Ainda assim, alcançamos muitas conquistas. Sempre fui incentivada a não me conformar com a vida pobre que tínhamos na infância e fazer com que nossa geração tivessem melhores condições de vida, aprendi que meu lugar seria onde eu quisesse e não importava se eu era mulher, pobre, filha de mãe solteira criada por um pai de coração, se estudei por muito tempo em escola pública e se ninguém da minha família jamais havia se formado, que apenas eu através do meu esforço e da educação escolar posso tudo e principalmente transformar o meu destino é ser grande exemplo para meus filhos.

### 3 A MATERNIDADE COMO AGENTE TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

Minha mãe Francisca dos Santos Neves, nascida em 27 de agosto de 1967, filha de Bianor e Maria vindos de família tradicional, teve muitas dificuldades para estudar, já que em sua infância, só iniciou na escola com 7 anos de idade e, aos 14 anos, precisava estudar à noite para que poder trabalhar de doméstica durante o dia e, assim, ajudasse no sustento da casa. Muitos pais preferiam colocar seus filhos para trabalhar como prioridade pois, não viam ou acreditavam que o ensino era para todos muito menos era prioridade para as mulheres.

As mulheres eram ensinadas a apenas serem boas donas de casa, boas esposas e boas mães e aprendiam o que era necessário para isso, seu ensino era controlado pelos homens que limitavam o que era ensinado, pois acreditavam que aprender cozinhar, cuidar da casa e dos filhos era o suficiente, afinal eles quem controlavam a política, os negócios e todas as áreas que eles acreditavam ser o papel do homem, mesmo diante uma sociedade machista ela tinha outros sonhos distantes dessa realidade que, aos poucos, eram alcançados pelas lutas das mulheres.

Ela sempre acreditou que poderia alcançar uma vida melhor, morar sozinha e ser livre para viver sua vida como ela mesma quisesse de forma independente, podendo aproveitar o melhor da sua juventude e que para chegar à tão desejada vida, teria a educação escolar como objeto de possibilidades.

Em sua família, não havia ninguém que tivesse chegado tão longe, afinal a educação era escassa, apenas para ajudar nas tarefas do dia a dia como ir ao mercado, saber ler e escrever uma carta, fazer as contas nas vendas de quebra-queixo, um doce que era a principal renda da família, na qual meu avô com a ajuda da esposa e seus filhos produziam grandes quantidades, espalhavam em vários tachos e distribuía para a família vender pelas ruas da cidade em busca do sustento, mas ela sempre acreditou que poderia ser melhor mesmo diante todas as lutas da mulher para alcançar o mínimo de igualdade. Sonhava alto para aquela época, queria ser aeromoça, conhecer muitos lugares, falar várias línguas, ser vista e admirada, mas o que ela não esperava era que em uma de suas aventuras de adolescência iria engravidar e ser abandonada pelo pai da criança.

Ela precisou sozinha sem apoio do meu pai biológico encarar todo preconceito e dificuldades por está grávida, muitas mulheres precisam assumir o

papel de mãe e pai dos filhos pois são abandonadas quando engravidam por homens que não se sentem preparados para assumir a responsabilidade de criar um filho, arcar com as necessidades da criança, ou mesmo não querem se intitular pais, fazendo assim com que muitas crianças cresçam sem ao menos serem registradas com o nome do próprio pai, algo que causa grande dor para aquela criança que se sente rejeitada, outros pais recusam até mesmo pagar a pensão alimentícia que mesmo diante a Lei Nº 5.478, de 25 de julho de 1968 não cumprem seu dever, essas mães então se veem obrigadas a criarem seus filhos arcando com tudo sozinha.

Abandonada grávida precisou encarar sua nova realidade, os sonhos, estudos, prioridades precisaram ser deixados de lado, abriu mão de concluir o ensino fundamental, mesmo acreditando que a educação escolar abriria muitas portas para um futuro melhor, uma nova realidade se iniciava, era necessário buscar o próprio sustento e encarar seus pais com medo de ser expulsa de casa, pois era vítima de preconceitos por todos devido à gravidez sem ser casada. De acordo com Bonfim; Brito (2012), no passado, a mulher era criada e ensinada a ser boa esposa, mãe e doméstica, sendo submissa ao marido a quem deveria obedecer e se sujeitar à vontade dele. Ela não se encaixava nesses padrões fugindo dessa realidade ao engravidar sem ser casada.

Como mãe solteira, ela passava a ser mal vista pela sociedade indo contra tudo que era considerado correto meu avô não aceitava a filha que ele considerava desonrada mesmo diante muitas mudanças sociais, de acordo com Rosa (2005) no século 19 mães solteiras eram tão discriminadas que no Rio de Janeiro existia um lugar chamado Roda dos Enjeitados para que as mães solteiras colocassem seus bebês sem precisarem ser identificadas, deixando ali para serem criados pela igreja católica em uma espécie de orfanato, pois elas se viam obrigadas a abandonarem seus filhos do que encarar todo o preconceito da sociedade.

Diante todos os preconceitos e humilhações, minha mãe saiu em busca de mudanças até conhecer um novo amor que a acolheu, mesmo tendo uma filha e assumiu como sua, criando e formando uma família. Logo tiveram outra filha ,e com muita luta e pobreza, buscavam o sustento. Estudar não cabia ainda nos planos, mas ela desejava terminar os estudos, alcançar seus sonhos que aos poucos mudavam de acordo com sua nova realidade, agora mãe de duas meninas e mulher casada, desejando melhores condições de vida para sua família. Já que meu pai de

coração era analfabeto, através de incentivos da esposa para que estudasse, ele ainda tentou, mas a rotina do trabalho como vigilante não o permitiu já que trabalhava a noite e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) era no seu período de trabalho. Lembro perfeitamente quando ele estudava e como trabalhava em dias intercalados, nos dias de trabalho, eu ia a escola em seu lugar fazer as anotações das atividades para que ele não perdesse nada e, mesmo sendo uma criança, a escola no fundo da igreja aceitava minha presença. Hoje, quando penso nisso, vejo o quanto a educação era precária, logo ele percebeu que estudar dessa forma não era proveitoso e desistiu de continuar a busca pela alfabetização.

Minha mãe sempre foi uma mulher lutadora, que acreditava em suas filhas, buscando nos ajudar a aprender da melhor forma possível. Lembro que todas as tardes, após a escola, tínhamos horário certo para as lições de casa e passar a tabuada com um tal de nozes fora que nunca entendi. Naquela época, usávamos o método de decorar e quando a professora perguntava, devíamos saber ou, então, o castigo seria certo. Tinha até chapéu de burro para quem não soubesse, mas minha mãe sempre nos ajudou a aprender tudo. Quando ficamos adolescentes e menos dependentes dela, ela começou a trabalhar como zeladora em uma grande escola, despertando novamente o desejo por estudar e dar continuidade na 7ª série do ensino fundamental na qual ela havia parado. Com seus 34 anos, se viu novamente lutando pelo menos pelo ensino médio para dar exemplo para as filhas que estavam prestes a concluir o fundamental.

Crescemos cercados por várias experiências educacionais em nosso dia a dia com os pais trabalhando em duas grandes escolas. Presenciamos várias atividades, gincanas, feira de ciências, projetos, estávamos sempre acompanhando nossos pais no trabalho e até ajudávamos na limpeza para acelerar a ida pra casa, adorava aquela galinhada no trabalho da minha mãe que sempre sobrava um pouquinho para nós. Nós nos orgulhávamos de estar ali, pois ficávamos encantadas por aquele mundo e nós imaginávamos estar do outro lado dessa vez não como aluno, mas como professor, acreditando que eles, os professores eram conhecedores de todas as coisas desejando ser da mesma forma.

#### 4 MINHA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Trago um pouco da minha trajetória na educação escolar durante o ensino fundamental, primeiro estudando na rede particular por bolsa de estudos em uma boa escola, porém me sentindo deslocada por estar em uma realidade distante do que eu acreditava ser meu mundo e depois mudando para escola pública, me sentindo confiante para aprender, como essas vivências interferiram no meu processo educacional, me fazendo mudar de uma aluna com dificuldades de aprendizagem para uma aluna que se apaixonou pelo aprender, como um professor dinâmico foi grande influenciador nesse processo, me ajudando a sentir o desejo por aprender e despertando em mim o primeiro desejo por lecionar querendo seguir o exemplo dele como educador.

Quando meu pai começou trabalhar no SESI (Serviço Social da Indústria) como zelador e depois vigilante, meus pais viram uma oportunidade de que eu e minha irmã estudássemos lá. Por ser uma escola particular e renomada na cidade, acreditaram que seria uma porta para o nosso sucesso. Então, através de uma bolsa de estudos, depois de nos submeter a testes, conseguimos estudar lá. Tudo parecia um sonho: uma escola enorme, com direito a piscina, dentista, algo que nunca havíamos sonhado tão alto. Íamos às 5 da manhã de bicicleta com meu pai por cerca de 7 km. Este era o horário que ele entrava no serviço. Então precisávamos acordar bem cedo para tomar nosso café com farinha e ir. Não entendíamos, mas eles queriam que tivéssemos um ensino de qualidade e acreditavam que ali seria o melhor. Eu, que brincava dentro dos matos de escolinha com minhas amigas, que tinha as roupas feitas de retalhos e dormia em uma rede em uma tapera de 5 metros, coberta de palha, agora estava estudando com crianças ricas, que tinham mochilas e lanches para comer na escola. Eu, diferentemente, precisava esperar até chegar em casa para um almoço simples feito no fogareiro por minha mãe bem cedo antes dela ir para o trabalho de zeladora. Eu me sentia deslocada, isolada, ao estar em uma escola tão diferente da minha realidade e isso me fazia me sentir inferior e desanimada. Por esses sentimentos, aquele não era mais meu sonho, pois queria estudar perto de casa com crianças como eu, poder lanchar de graça na escola, uma vez que não tinha dinheiro para aqueles lanches caros da lanchonete que sempre desejava, fazer amigos e poder aprender. Eu senti muita dificuldade ao ponto de reprovar na quinta série na tão temida matemática.

Minha mãe resolveu nos colocar em uma escola perto de casa na qual tudo começou a mudar, pois me sentia segura e livre para ser quem eu era e a vontade de aprender crescia em mim; não tinha medo de ser zoada na escola ou falar besteiras na participação das aulas;. Um professor novato na escola foi o diferencial na minha vida escolar. Seu nome era Edson. Ele trouxe uma outra forma de ensinar, mais dinâmica cheia de brincadeiras, competições, lições de vida na qual foram despertando em mim um desejo por aprender e ensinar. Algo que nunca esqueci foi uma frase que ele disse direcionado às meninas adolescentes preocupadas com o que outras estariam falando a respeito delas ou mesmo pensando, ele disse: “se um dia elas disserem algo por vocês serem virgens, digam quando eu quiser posso ser como você e perder minha virgindade, mas você nunca mais poderá ser como eu”, incentivando as meninas a se guardarem virgens até o momento certo. Sempre o admirei, pois ele não estava preocupado apenas com a matéria que ele lecionava, mas em formar cidadãos capazes de pensar, de buscar aprender. Isso me impactou de uma forma a repensar nas atitudes que estava tomando na minha vida particular. Comecei uma paixão pela matemática e por sua maneira de ensinar passei a querer ensinar outras pessoas a também entenderem com tanta naturalidade tudo aquilo que parecia desde então ser tão fácil e claro. Em minhas brincadeiras de escolinha, agora eu era a professora e sentia orgulho de tudo aquilo e, mesmo sem perceber, nascia ali o desejo pelo ensinar. Formava grupo de estudos com minhas amigas para ajudá-las nas suas dificuldades e aprendia cada vez mais e ali conclui meu ensino fundamental passando de uma aluna com muitas dificuldades para a aluna que no último bimestre não necessitava fazer prova e ficava apenas de monitora por ter aprendido perfeitamente tudo que era ensinado me sentindo orgulhosa e capaz de conquistar o mundo, despertando em mim o desejo por aprender cada vez mais.

A relação professor-aluno é fundamental para o processo de ensino aprendizagem, de acordo com Lopes, (2009) a interação social e a mediação são de fundamental importância para esse acontecimento, é necessário que o professor crie momentos de diálogos e aproximação despertando no aluno uma confiança e curiosidade nas relações propostas, com isso momentos prazeroso nessa relação podem trazer todo um significado despertando o interesse pela busca de mudanças sociais.

”Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular

as experiências dos alunos com o mundo” (Lopes, 2009, p.5), mostrando ao aluno seu interesse no crescimento dele, no seu avanço, mostrando que ele é importante e capaz de transformar sua história e até mesmo o mundo, ter o apoio do professor, uma palavra amiga, um conselho certamente fará toda a diferença na construção dessa relação, ter um professor que sabe ouvir, nos torna mais determinados, podendo interferir positivamente em muitas dificuldades que serão refletidas no processo ensino aprendizagem.

Segundo Freire (2008) ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo e somos a porta de entrada para que o desejo por mudanças aconteça, precisamos proporcionar aos nossos alunos esse desejo e confiança que são capazes, precisamos compreender que somos grandes influenciadores na vida dos nossos alunos e muitas vezes eles irão se espelhar em nossas ações e ou ensinamentos.

“Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço”(Freire, 2008, p.103). Os alunos principalmente as crianças, nos observam muito, além do que falamos observam nossas ações dentro e fora da escola, por muitas vezes nos imitando ou mesmo criticando, sendo assim necessária coerência entre nossas ações e o que pregamos.

Como é possível perceber, pelos relatos acima, a conduta de um professor e o modo como se relaciona com seus alunos pode exercer forte influência sobre a sua vida escolar.

#### **4.1 A história se repete: a maternidade e o desafio de continuar a escolaridade**

Apresento as mudanças ocorridas por minha gravidez na adolescência, a luta que precisei travar após ser colocada para fora de casa por meu pai que carregava consigo preceitos machistas e antiquados, a busca por continuar os estudos no ensino médio, como minha mãe se sacrificou mais uma vez abandonando os estudos escolares para que eu pudesse estudar, acreditando que eu teria mais chances de mudanças de vida e mostrando que o amor de mãe coloca o filho em primeiro lugar, afinal todas suas lutas foram para a felicidade das filhas, falo ainda como inicia minha vida de mãe e esposa que precisou crescer precocemente.

Tudo parecia um sonho. Estava ingressando no ensino médio, na escola Graça Aranha, conhecida por sua qualidade no ensino tanto que para conseguir uma

vaga, tivemos que dormir na fila. Já sonhava com a faculdade e todas as experiências que iria viver, foi aí que a história da minha mãe se repetia. Quando descobrimos minha gravidez, meu mundo desabou naquele dia, que era véspera ao dia das mães. Como iria falar para meu pai que compartilhava dos preceitos do meu avô e que sempre deixou bem claro que não aceitaria dentro de casa filha grávida? Estava vivendo a realidade de muitas adolescentes vivenciando uma gravidez indesejável, algo semelhante ao que pontua Rocha (2019, p.18):

A falta de apoio familiar na adolescência, de programas de saúde e de educação sexual nas escolas, são elementos que podem levar a adolescente iniciar sua vida sexual precocemente com risco de uma gravidez indesejada. E com isso a adolescente que naturalmente no decorrer desta fase da vida se vê diante de crises, conflitos, mudanças biopsico-sociais, algumas ainda terão que lidar com mais uma mudança em sua vida: uma gravidez inesperada.

Levando em consideração que é na família que devemos ter educação sexual, falar abertamente a fim de aprender e tirar nossas dúvidas evitando aprender de forma errada na rua, com amigos e pessoas despreparadas. Falar sobre sexo em casa não era comum. Eu me sentia até envergonhada, quando na frente dos meus pais, via pessoas na televisão se beijarem. Falar sobre esse assunto nem pensar. Tudo que aprendi foi na escola ou com as amigas que também não sabiam muito. Eu me sentia insegura, muitas vezes me deixando levar pelas vontades dos namoradinhos que tinham isso como prova de masculinidade. Prevenção?! Apenas algumas vezes, pois nem sempre tínhamos em mãos um preservativo e jamais passaria em minha cabeça comprar algo assim e, correr o risco de que todos falassem mal de mim. Diante todas essas questões, não iria demorar mesmo uma gravidez. Como já era esperado, meu pai me colocou para fora de casa e minha mãe, sem alternativa, precisou se calar, baixar a cabeça e aceitar a decisão do meu pai e ser submissa a ele que, mesmo depois de tantas mudanças sociais, ainda carregava tradições e costumes antiquados e me mandou embora de casa, pois, segundo ele, me aceitar o faria ser motivo de chacota diante vizinhos e amigos. Ela, por sua vez, acreditava que poderia me ajudar escondido, se permanecesse com ele em casa, se o enfrentasse seria pior e tinha esperanças que com o tempo o coração dele iria amolecer. Não o condeno, pois sua criação foi diferente e ele veio de um tempo em que as mulheres eram submissas aos maridos e deviam se resguardar e uma gravidez sem ser casada era motivo de vergonha. Se ele me aceitasse em

casa, seria taxado de sem moral com as filhas e seu jeito durão precisaria prevalecer. Sem ter para onde ir, precisei trabalhar em uma casa de doméstica em troca de abrigo, alimentação e ainda poderia continuar meus estudos.

O ano de 2003 para mim foi muito difícil: conseguir conciliar trabalho, estudos e uma gravidez na adolescência com apenas 16 anos; com todos os enjoos, sono, julgamento dos demais alunos e professores; minha cabeça cheia de dúvidas e medos; tudo novo. Muitas vezes, me fizeram pensar que não iria conseguir e o melhor seria desistir. Para Rocha, (2009) é comum mudanças comportamentais na adolescência, causando crises e escolhas precipitadas, levando muitas vezes a gravidez de forma despreparada. Foi exatamente assim que aconteceu comigo, não era algo planejado, porém não podia desistir, principalmente agora que carregava comigo minha menina. Precisava continuar por ela, pois sabia que, sem estudos, eu não seria nada. Lembro que minha mãe sempre me dizia que até pra correr atrás de lixo precisava estudar e eu não queria viver uma vida de sofrimento, fome e pobreza. Por isso, precisava continuar.

Durante toda minha gestação, eu estava sozinha com minha filha, já que o pai dela também havia engravidado outra e me traía sempre e então eu havia terminado nosso relacionamento. Minha mãe lutou por toda minha gravidez para arrumar um lugarzinho para que eu ficasse quando minha filha nascesse. Um quartinho nos fundos da casa do meu avô foi suficiente para me acolher com a minha filha. Minha mãe, com seus ideais, achava que, mesmo diante da traição, eu deveria voltar com o pai da minha filha, pois seria bem mais difícil criar ela sozinha sendo tão jovem desempregada. Então, no dia que estava no hospital em trabalho de parto, ela combinou com o pai da minha filha que deveríamos morar juntos e criar nossa filha. Ele aceitou e fui apenas comunicada após o parto, me restando apenas aceitar suas traições, afinal, os homens sempre tiveram privilégios e a traição deles não seria julgada da mesma forma que uma mulher seria, se fizesse conforme:

A penalização da infidelidade feminina data das leis XI Tábuas, que permitia ao marido matar a mulher apanhada em flagrante adultério. O código de Hammurabis estabelecia punições cruéis para mulheres adúlteras (Bomfim; Brito, 2012, p.19).

A mulher perderia sua vida se fosse flagrada traindo, a honra da mulher estava ligada à sua virgindade e era apedrejada diante de traições. Já os homens, por sua vez, poderiam ter várias esposas. Essa cultura machista foi predominante no Brasil colonial e se estendeu até o século passado. Não obstante, em alguns países,

particularmente entre os árabes e africanos, sobrevive a poligamia. Em que os homens, máxime os que detêm poder de chefia, podem viver com várias mulheres ao mesmo tempo (Bomfim; Brito, 2012, p. 20).

Ele foi morar comigo naquele quartinho nos fundos da casa do meu avô. Sem ter muitas escolhas, precisei aceitar e, aos 16 anos, assumir a vida de casada e mãe de família em uma gravidez difícil. Por ser apenas uma adolescente, precisava ter forças para estudar e passar de ano no meu primeiro ano do ensino médio. Mesmo com muitos desafios, meus amigos de turma e professores me ajudaram muito a vencer esse ano sem desistir dos estudos que era tão comum quando se há uma gravidez na adolescência. Dificuldades financeiras e pessoais diante tantas mudanças agora uma menina casada com uma criança nos braços para cuidar.

Mais uma vez minha mãe me deu uma prova de amor. Mais uma vez abandonou os estudos, primeiro por estar grávida de mim e agora por que eu engravidei e, por acreditar que eu teria mais chances de ser alguém na vida, ela desistiu da educação escolar para ficar com minha filha enquanto eu ia para escola, afinal, um dos principais motivos para evasão escolar na adolescência é a gravidez, “A gravidez na adolescência tem sido descrita como importante obstáculo ao desenvolvimento do indivíduo, “limitando de forma dramática suas oportunidades educacionais, econômicas e sociais” (Grimes, 1993) apud (Rocha, 2009, P.25)”. Isso a deixava muito preocupada, pois não queria que, assim como ela, eu desistisse de lutar por uma vida melhor na qual ela acreditava que seria alcançada através da educação escolar, ela não queria que minha história tivesse o mesmo fim que o dela e posteriormente minha filha, ela sabia que poderia ser diferente e poderia da uma educação e vida melhor para minha menina, então graças a minha amada mãe continuei e concluí o ensino médio.

#### **4.2 Minha trajetória como mulher, mãe, trabalhadora na educação escolar.**

Inicia-se uma nova fase em minha vida de adolescente. A mulher e mãe que logo engravida novamente sem nenhum planejamento familiar, dessa vez de um garoto, agora com outras prioridades estavam em minha vida precisava trabalhar para manter meus filhos. Então iniciei com uma aula de reforço, ali mesmo na minha

casa sem grande estrutura. Ensinava de 1° ao 5° ano a algumas crianças da vizinhança. Ainda não havia percebido que a pedagogia estava sempre me dando sinais de que esse era o caminho para o qual, no futuro, seria minha tão sonhada formação. Minha mãe, como minha maior incentivadora continuou me apoiando. Desta vez, a fazer um concurso de nível de ensino fundamental que garantiria uma renda fixa. pagou minha taxa de inscrição no concurso e me auxiliou de todas as formas para realizar essa prova. O que eu não sabia era que naquele concurso eu seria chamada para a área da educação. Fiz a prova grávida em 2006, porém, fui chamada apenas dois anos depois, tempo suficiente para que meu filho nascesse e eu conseguisse trabalhar. Nessa fase, meu pai já havia se aproximado de nós e frequentamos a sua casa e, aos poucos, ele foi amolecendo aquele jeito durão e fomos conquistando espaço em seu coração.

Ao mesmo tempo em que as coisas iam se ajeitando com meu pai, meu casamento não ia bem, pois, até então, meu marido bebia muito e chegava agressivo em casa ao ponto de me agredir grávida. Eram tapas, empurrões e no outro dia pedia desculpas e eu perdoava. Eu acreditava que ele iria mudar e que aquilo era devido ao álcool, que é um dos principais responsáveis pela violência doméstica e pelo fim dos casamentos. Assim também foi assim comigo. Eu aguentava tudo, afinal, tinha uma filha estava grávida de outro bebê e ainda dependia financeiramente dele. O jeito era ir aguentando e evitar brigas quando ele bebesse, e levando as coisas. Quando fui chamada para o concurso de zeladora, vi uma oportunidade de independência financeira e agora poderia deixar aquele casamento e cuidar sozinha dos meus filhos. Minha mãe havia me ajudado a conseguir uma pequena casinha onde eu poderia viver tranquilamente e assim fiz. Comecei sozinha por um tempo, mas não demorou muito e casei novamente na esperança que dessa vez fosse diferente.

Fui chamada para trabalhar em escolas. Agora eu vivenciava pelo lado de fora aqueles professores e alunos em sala de aula e o desejo e esperança de me tornar uma professora voltou a despertar em mim. Eu acreditava que esse era o momento e decidi ingressar em uma faculdade pública através do tão falado Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, mas as coisas não saíram como eu imaginava o meu tão amado marido não me apoiou nesse sonho. De acordo com algumas

leituras que fiz, parece que esta é uma realidade comum a muitas mulheres como aponta Oliveira (2021).

Ao ouvir ao longo da vida que mulher só estudava para “procurar macho” e que meu pai e meus irmãos não ajudariam as mulheres da família a estudar e subjetivamente meu esposo também, por acharem que isso era uma obrigação deles, dos homens, dos maridos e não das mulheres, sempre nos colocando em posições diferentes da deles e tirando o meu ou o nosso direito de estudar (Oliveira, 2021,p. 14).

A autora, nos mostra que essa é uma realidade vivida por outras mulheres, que são impedidas de estudarem por seu marido que usam de desculpas machistas alegando que a intensão da mulher na faculdade é apenas para adular, e fazer coisas que eles consideram erradas. Muitas mulheres submissas se sentem obrigadas a abandonar seu sonho por uma formação e até mesmo por uma profissão e continuam depender deles, assim garantem continuar dominando suas esposas. Assim como muitas mulheres também enfrentam esse desafio ao decidirem estudar, passei pelo mesmo preconceito e desconfiança do marido que acreditava que mulher na universidade só faria o que não presta e que para que estudar se ele estava ali trabalhando para manter a casa e o que tínhamos era suficiente, afinal jamais ele iria admitir a esposa em posição superior à dele. Ele acreditava que meu lugar era em casa, pois na faculdade, segundo ele, só acontecem coisas erradas e, certamente, se eu fosse, ele me deixaria. Iludida por um falso amor, fui me deixando enganar e acreditando naquele amor que no início parecia perfeito. Tive mais dois filhos e o tempo foi passando e as coisas foram mudando. Nisso eu fiquei doze anos afastada da sala de aula. Tudo o que eu queria era uma formação e, através dela, uma profissão melhor que pudesse arcar com as despesas e dá aos meus filhos tudo que sempre sonhei: uma boa alimentação, roupas e brinquedos. Mais uma vez, vivi um casamento cheio de traições, agressões, e humilhações, eu acreditava que estava destinada a viver daquela forma, pois ele não era o primeiro que me tratava daquela forma opressora e agressiva.

Aguntei por 10 anos esse casamento onde, muitas vezes, meus filhos presenciaram todos os tipos de agressões psicológicas e físicas nas quais jamais imaginei denunciar. Minhas roupas eu não poderia vestir sem a aprovação dele. Sair? Só para trabalhar ou com ele. Presenciei várias traições e, mesmo assim, suportei tudo sem relatar para minha família. Segundo Bomfim e Brito (2012), desde

agosto de 2006, a Lei Maria da Penha define medidas para proteger as mulheres em situações de risco, vítimas de agressões. Na teoria, eu sempre soube dos meus direitos e que não deveria aceitar, mas me sentia com medo e vergonha de tal forma a esconder de todos o que estava passando. Não queria admitir que mais uma vez havia fracassado na escolha do pai dos meus filhos e, muitas vezes, me perguntava se todos os homens eram assim ou se eu era a culpada deles se tornarem agressivos perto de mim, me culpando diante tudo aquilo. Muitas mulheres carregam para si a culpa das agressões que sofrem, assim afirma Bomfim e Brito:

Pelo menos 76.743 sentenças definitivas foram dadas em processos contra a agressão a mulheres, na maioria condenatórias, proibitórias de reaproximação do agressor. Sabe-se que dezenas de milhar de vítimas de espancamentos deixaram de se queixar, por receio, desinformação ou falta de coragem, aos órgãos competentes. O TJ/RJ inaugurou, em outubro/2010, a central judiciária de abrigo provisório da mulher vítima de violência doméstica. (Bomfim; Brito,2012.p27).

Muitas dessas mulheres quando vem se prestar queixa já estão em um estado insuportável de agressões consecutivas, pois a grande maioria não se queixa na esperança que não aconteça mais, achando que foi apenas um momento de desequilíbrio, procurando qualquer justificativa para o ato agressivo do companheiro. Comigo foi igual, tinha esperanças que não voltaria acontecer, mas não como eu queria, não era fácil encarar uma vida com traições e agressões, um casamento opressor, mas, de certa forma, fui me acostumando com aquilo e já não me imaginava distante, afinal, não eram apenas momentos ruins e o tempo foi passando, eu continuava trabalhando em escolas pela prefeitura, aprendendo de fora as maravilhas que a educação proporciona. Aqueles alunos, cada um do seu jeitinho, com suas dificuldades. Muitas vezes, me senti incomodada pela forma antiquada que muitos professores utilizavam ao ensinar seus alunos, palavras duras, gritos, até mesmo ofensas. Eu não entendia muito, afinal, não era formada, mas sabia que não estava certo e me imaginava ali diante aquela situação como eu faria para resolver aquele problema e ajudar muitas crianças com dificuldades em aprender, eu sonhava, agora de forma mais concreta, pela pedagogia. Sabia que era aquilo que queria na minha vida e precisava buscar para alcançar e parar de ter medo daquelas ameaças, de me deixar daquele que era meu marido, afinal, não estaria perdendo grande coisa.

Minha filha, enteada dele, começou ser uma mocinha.

Eu via ele sentir um ciúmes em excesso dela. As pessoas comentavam Ela vivia trancada no quarto e eu não entendia como ela, uma adolescente, podia passar tanto tempo trancada, até o dia em que, de maneira dura, que me dói imensamente em pensar e me culpar por ter permitido chegar a tal ponto, descubro o porque minha princesa era daquela forma. Mais uma vez, a educação escolar estava ali no meu caminho, pois após um olhar diferenciado da escola que ela estudava e uma conversa amorosa da coordenadora da escola pública IBADI, minha filha criou coragem após 10 anos de sofrimento gritar que havia sido abusada por aquele homem que eu tanto amava ao ponto de aceitar tudo para ficar ao lado dele. Ela não aguentava mais esconder que, quando tinha apenas 4 anos de idade meu marido, seu padrasto, abusava de sua inocência para se satisfazer imoralmente. Graças ao apoio da escola que pode observar que algo naquela garota de 14 anos não estava certo e puderam observar atentamente e amorosamente, até que ela se sentisse à vontade para desabafar aquilo que estava preso e ela não havia conseguido contar para sua mãe ou qualquer outro familiar. O índice de abusos sexual infantil vem aumentando gradativamente como podemos observar no estudo a seguir:

A partir da análise dos estudos selecionados, pode-se perceber o aumento do índice de abusos sexuais contra a criança e adolescente no ambiente intrafamiliar (Artigos 1, 3 e 5). Sendo um ato praticado por algum membro da família ou pessoa responsável pela mesma, os estudos demonstram que, muitas vezes, o ASI é cometido pelo pai, padrasto ou irmão da vítima, a casa em que a criança reside é o principal local dos abusos. (Santos; Pontes; Fernandes, 2021, P.826).

Podemos ver que o pai está no topo da lista de pessoas que mais abusam dos seus filhos, e o padrasto logo em seguida, aqueles que eram para ser os principais protetores para a criança e a família são os que mais machucam. Saber que coloquei um homem na minha vida que destruiria a inocência da minha filha me faz me sentir responsável por ter causado tanta dor e sofrimento que trouxeram sequelas e marcas profundas. Meu coração dilacerou e não pude acreditar que não havia percebido e que permiti ela crescer ao lado de alguém que atingiu tanto o desenvolvimento psicológico da minha filha que eu tanto queria proteger. Pensar ainda que era o pai dos meus filhos e eu precisava guardar toda dor para mim para não machucar eles também. Minha filha não conseguiu me contar. Escondeu por muito tempo essa dor carregando consigo muitos medos e bloqueios. Ela tinha medo que eu não acreditasse, afinal, muitas mães, em alguns casos de abuso

sexual infantil, preferem colocar culpa na criança ou não lhe dá apoio por não acreditar que seja real. Por isso, muitas crianças se calam e aguentam toda a dor de ser abusada e ainda ter que carregar consigo essa dor a fim de evitar algo que ela possa considerar pior. De acordo com Santos; Pontes; Fernandes (2021, p.826):

O Abuso Sexual Infantil (ASI) é considerado um dos maiores problemas de saúde pública, que ocorrem em todo o mundo, em todas classes sociais, faixas etárias e sem distinção de gênero. No ASI, a criança é induzida pelo seu abusador a cometer atos sexuais contra sua vontade

Segundo estes autores, o abuso infantil é a violência mais perversa praticada contra as crianças e adolescentes, pois atingi o corpo, a mente e sua dignidade deixando marcas por toda a vida, me dói pensar em todas as dores que minha filha apenas com 4 anos de idade teve que carregar, como precisou continuar por 10 anos na mesma casa que seu agressor, e fingir por muitas vezes que estava tudo bem, aceitar que ele a levasse na escola e ainda tirar fotos de família ao seu lado.

Sempre tentei ser uma boa mãe e alertá-la sobre esse tipo de violência, mas jamais imaginei que o homem que tanto amava seria capaz de tal coisa, logo ele, que sempre falava odiar esses abusadores e que, se alguém algum dia fizesse algo com nossa pequena, ele mesmo mataria me fazendo assim acreditar que ele a protegeria de todos. Só não imaginei que ele seria o culpado de violentar a inocência da minha filha tão pequena, que devido seus traumas crescia se mutilando e eu não percebia, carregando consigo todos os efeitos causados pela violência que ela havia passado por sua infância. Muitas foram as marcas deixadas como, por exemplo, ela crescer uma menina insegura, cheia de medos e aversão aos homens, considerando todos os homens repugnantes e tendo muitas vezes crises de desespero mostrando de certa forma odiar muitos homens e suas atitudes.

Ao descobrir toda essa tragédia na infância da minha filha, agora uma adolescente, mais uma vez tive apoio da escola na tentativa de amenizar tanta dor para ambas, afinal, dia após dia, me culpava por ter permitido que meu bem mais precioso sofresse de tal forma. Tivemos apoio psicológico na instituição em que ela estudava, o IFMA, e através de uma outra professora atenta na universidade que, com seu olhar carinhoso, percebeu que eu não estava bem e me chamou para uma conversa no final da aula, professora Simone Omizzolo me direcionou a procurar apoio psicológico com a psicologia da universidade me mostrando mais uma vez a maravilha que a educação e todo seu conjunto pode ser na vida de cada estudante.

Aos poucos, fomos aprendendo a lidar com tudo aquilo. Recebemos apoio e conselhos para vivermos da melhor forma. Mesmo com a violência que ela havia sofrido que causou tanta dor conseguimos seguir nosso caminho, mesmo com marcas eu e meus filhos em busca de uma vida livre de tudo que tanto nos fazia mal.

## 5 VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS NA PEDAGOGIA

Após esse período da minha vida em que fui submissa ao casamento e que não colocava eu e meus filhos como prioridade, fui liberta e assim como sempre sonhei consegui ingressar no curso de pedagogia na Universidade Federal do Maranhão- UFMA, através do ENEM. Então em 2017.2, iniciei naquele mundo de oportunidades já me imaginando na sala de aula com meus alunos, ansiosa por conhecer cada um ano após ano. Mesmo depois de tanto tempo fora da sala de aula, não tive medo de buscar conhecimento através do curso e me profissionalizar na área que sempre esteve entrelaçada no meu caminho. Ao contrário de muitos que ingressaram no curso com dúvidas ou mesmo por ter sido o que conseguiram ingressar, eu sabia que era aquilo que eu queria Foi o curso que desejei cursar, o que escolhi. Diferentemente dos sujeitos participantes da pesquisa de doutorado de Sousa (2020), a pedagogia foi a minha primeira opção, contrastando com o que afirma o autor:

Em geral, os colaboradores e colaboradoras da pesquisa destacam que seu primeiro interesse, em se tratando de cursos de nível superior, não era a pedagogia. No entanto durante o curso , foram construindo uma identidade à medida que foram vivenciando experiências que os estimulavam continuar em meio às dificuldades encontradas para permanecer no curso.( Sousa,2020, p.111).

Aos poucos fui descobrindo meu desejo pela pedagogia e quando ingressei na universidade tinha certeza que esse era o caminho que queria seguir, não me restavam dúvidas que assim como a educação esteve sempre no meu caminho me ajudando a sair da minha zona de conforto e em busca de mudanças seria através dela como profissão que alcançaria meus desejos de além de dar uma vida economicamente melhor aos meus filhos, busca por superação da nossa realidade social, poderia ainda ajudar muitas crianças no seu processo de ensino, a terem apoio em suas dificuldades no aprendizado e nas relações sociais, sempre desejei ser uma professora que não estaria ali apenas para transmitir conhecimento, mas para ter aquele mesmo olhar diferenciado que tiveram um dia comigo e com minha filha, nos ajudando assim a enfrentar muitas dificuldades que estavam além do conteúdo escolar.

Minha mãe estava orgulhosa por todas minhas conquistas, aos poucos tudo ia melhorando e agora ter a oportunidade de ser a primeira pessoa de toda minha família a ingressar na faculdade, a conseguir alcançar o ensino superior que até então muitos acreditavam ser apenas para ricos, com altos custos, lembro que quando falo até hoje para algumas pessoas da minha família sobre minha formação já perguntam logo se é muito caro e quando digo que não pago nada ficam surpresos por ainda acreditarem que é apenas para os ricos como era no passado. Muito vem mudando na sociedade onde hoje há vários programas de incentivo, mais informação e aos poucos o número de vagas também vem crescendo dando assim a oportunidade de mais pessoas completarem o ensino superior em diversas áreas, mesmo que a passos lentos ingressar em uma universidade em busca por uma formação vem se tornando algo mais acessível. Esta é uma realidade antiga, pois conforme Bourdieu (1998,p.41) apud Sousa (2020, p. 121):

Vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade que o filho de um operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média. .

A desigualdade para alcançar essa tão sonhada vaga para ingressar no ensino superior é enorme, pois desde o processo de ensino dos grupos sociais até mesmo as segurança que ambos possuem está relacionada. Mesmo com muitas mudanças em busca de possibilitar maiores oportunidades para uma formação para todos, precisamos passar por seleção para garantir uma vaga no tão sonhado curso. Muitas vezes, não conseguimos alcançar o que desejamos e precisamos nos conformar com o curso disponível e, devido às grandes desigualdades sociais, acaba favorecendo as classes altas em muitos cursos. Através do Exame Nacional de Ensino Médio- ENEM, consegui alcançar meu objetivo pela pedagogia, mas foram necessárias três tentativas antes de conseguir, afinal as cotas para estudantes de escolas públicas nem sempre garantem uma maior facilidade para conseguir a vaga desejada. Enfim, consegui o tão desejado ingresso na universidade. Tudo era novo, pois nunca tinha entrado em uma universidade e, depois de 12 anos afastada da sala de aula, me sentia insegura e até mesmo menos capaz que meus colegas de sala bem mais jovens que eu, na sua maioria. Novos desafios, amizades e pensamentos foram entrando na minha vida e superados

pouco a pouco um novo mundo fazia parte da minha vida e cada momento tinha mais certeza que era aquilo que queria para minha vida. Para Sousa:

As narrativas dos estudantes evidenciaram que a trajetória anterior à entrada na universidade, é um contínuo de construção de expectativas e elaboração de representações em meio às condições socioculturais e econômicas a que estão submetidos. Nesse sentido a chegada ao “universo acadêmico” representa encontro com outra realidade e demandas que ao mesmo tempo são novas, podem ser também antigas. (Sousa, 2020, p. 134).

Ingressar na universidade já é algo, e todas as diversidades ali encontradas, contrastes de opiniões torna o ambiente ainda mais desafiador. Os estudantes vêm de diversas situações e realidades diferentes, com seus desafios e particularidades para dar início uma nova trajetória em sua vida acadêmica, que por muitas vezes possui um grande número de desistências devido diversos fatores sociais e econômicos. Eu estava afastada há 12 anos da sala de aula e me sentia totalmente perdida e despreparada, porém em momento algum cogitei a possibilidade de desistência, afinal queria dar esse orgulho para toda minha família que, até então, não tinha ninguém formado.

Para Sousa, (2020), os estudantes trazem consigo trajetórias diversas,, objetivos e desafios diferentes que podem ou não serem acomodados diante a nova realidade em sua formação. Nas aulas, tive a oportunidade de aprender muitas coisas: vivenciar muitas experiências inimagináveis, conhecer culturas diferentes, vivências que me pareciam estar em uma realidade muito distante com toda aquela turma, que em sua maioria, era de jovens, mas o que mais uma vez eu não sabia era que a educação escolar estava me preparando para mais uma experiência na minha vida pessoal.

Durante o curso, passei a conhecer outros mundos que não fazia ideia como eram, culturas, religiões, gêneros, e tantas coisas que minha criação conservadora e até preconceituosa não me permitiam entender. Ali foi necessário a quebra de muitas ideologias em que eu desconhecia. Aprendi a respeitar as diferenças, desejos e crenças de cada um. No início, não entendia porque estudar tanto sobre indígenas, quilombolas, educação no campo, afinal, o que eles tinham a ver com minha formação na pedagogia? Afinal, Eu acreditava que estávamos ali para aprender como ensinar português e matemática, mas muito além de tudo isso aprendi a abrir minha mente para as diversidades, que somos todos diferentes,

assim como Freire (2008), afirma: sempre há algo a prender, que ensinar necessita de criticidade, de amor, de respeito. Aprendi que, para ensinar, precisamos aprender e sabermos que cada um é da sua maneira com suas próprias individualidades e necessidades.

A educação escolar está presente em muitos momentos da minha vida me preparando para enfrentar desafios, me ensinando de forma pessoal encarar muitos preconceitos que foram construídos desde minha infância por carregar traços das ideologias dos meus pais, nas aulas de pedagogia aprendi respeitar as diferenças e entender a individualidade de cada um, sem perceber estava sendo preparada para descobrir que minha filha mais uma vez desafiou toda aquelas regras ultrapassadas de família tradicional ao me revelar seu desejo sexual pelo mesmo sexo. Mais uma vez, precisei abrir minha cabeça e aceitar as diferenças de cada um e juntas enfrentar todos os preconceitos que viriam a seguir principalmente por todas as questões religiosas. Aprendi que a felicidade da minha filha não tem limites e ela é livre para buscar e alcançar o que realmente a faz feliz. Muitas outras experiências nesses 5 anos foram vividas me levando a cada dia ter mais certeza do que eu queria para minha vida e não importava os desafios que iria enfrentar, pois seria recompensador os resultados.

No início da minha escolha pela pedagogia visava apenas mudanças sociais e financeiras para minha família Algo que não imaginava era que, através da pedagogia, também mudaria meus pensamentos, ideais, a forma de ver o mundo e as outras pessoas me fazendo assim alguém muito melhor sem tantos preconceitos que me impediam de crescer.

### **5.1 Aprendendo a Ensinar**

Ao cursar pedagogia naquela turma, tive a oportunidade de viver grandes amizades verdadeiras que carrego em meu coração uma turma divertida de um único rapaz em meio a tantas mulheres, que segundo Sousa (2020) é algo comum pois a maioria dos estudantes de pedagogia são mulheres já que a docência é comumente vista como uma profissão feminina, muitos preconceitos existem para que os homens lecionem, principalmente na educação infantil e anos iniciais fazendo assim o número de pedagogos masculinos sejam mínimos, outra questão que sempre ouvi falar eram sobre as desistências dos alunos uma turma que iniciava

com 40 alunos poucos se formavam, e realmente houveram bastantes desistências, porém muitos continuaram e lutaram pela tão sonhada formação, muitos seminários, slides, textos, debates, mapas mentais durante todo esse processo, cada dia uma nova forma de aprender a ensinar. Estar em graduação parecia um sonho e assim como eu muitas pessoas também se sentem realizadas, como Oliveira, relata:

A graduação sempre foi um sonho e hoje me sinto realizada e vitoriosa, compreendi que todos deveriam estudar e principalmente fazer o curso de pedagogia pelo simples fato de entender o próprio desenvolvimento humano de si e do outro. Assim, no decorrer do curso, ao longo dos estudos de cada disciplina, foi despertado em mim, mais e mais o desejo por conhecimento e até o espanto com as diversas formas de aprender as várias informações que eu jamais sonhara em saber. Oliveira, 2021, p. 13).

Sua realização nos mostra a importância de uma formação, fazendo com que nos sintamos vencedoras, mostrando o quanto o aprender é significativo. Uma formação está muito além de um diploma, pois aprendemos coisas novas em nossas aulas. Não apenas como lecionar, mas como aprender ensinando sermos pessoas melhores, a valorizar o eu individual; e nossos alunos como pessoas diferentes em construção; somos seres individuais e cada um com seu próprio jeito, características e desafios. Durante minhas aulas, ainda no primeiro período, tive a oportunidade de aprender que estamos em constante processo de crescimento e que sempre temos algo a aprender, afinal, conhecimento nunca é demais. Algo que ficou marcado foi no nosso primeiro seminário: o professor Batista, com todo seu carinho e jeito único de ensinar, chamou grupo por grupo no final das apresentações apontando todos os pontos positivos e negativos a fim de nos mostrar onde deveríamos corrigir. Aquela maneira foi incrível, pois fomos capazes de perceber nossas falhas nos ajudando a progredir ainda mais em nossa vida acadêmica. Outro processo que ficou marcado durante minha trajetória como estudante de pedagogia foram as animadas aulas do professor Vicente. Falar sobre a criança em suas diversas fases nas aulas de filosofia da educação com certeza me fizeram rever muitas coisas.

Aprender sobre a importância dos planos de aulas esse com certeza não poderiam faltar, afinal, ouvi tanto pelo professor Jonatas quanto pela Karla Bianca, que uma aula sem um plano não poderia existir e que eles seriam nosso guia. Para muitos colegas, esse foi um desafio, porém, me identifiquei de tal maneira que não encontrei grandes dificuldades, afinal, já havia visto inúmeras vezes os professores da escola que trabalho fazendo que de certa forma me eram familiar. Contudo,

aprendi ainda mais sobre sua importância e necessidade nas aulas. Aprendi ainda que devemos sempre ter um plano B e que nossos planos devem ser flexíveis para que possamos adaptá-los às situações inesperadas que possam vir a surgir no nosso dia a dia.

Outro marco foram as animadas aulas de ludicidade da professora Karla Bianca que nos mostraram, na prática, que o brincar é essencial para a que a criança possa aprender. A tão planejada e organizada semana do brincar consolida, na prática, esse saber. Trabalhamos duro por uma semana incrível, a cada ano, para possibilitar às crianças e professores. Esse momento onde, enquanto as crianças aprendem brincando nós aprendemos a importância do brincar. Cada experiência na educação escolar superior me deixava ainda mais encantada e me dava a certeza que esse era o caminho que queria seguir: ajudar crianças nesse processo tão importante que pode transformar toda nossa vida.

Muitas foram as experiências adquiridas em todo meu processo de formação, desde a importância dos planos de aula, respeitar a individualidade de cada criança, a importância do brincar em suas diversas formas desde um jogo a uma brincadeira direcionada ou até mesmo o brincar livre supervisionado. Cada passo e aprendizado que estavam me moldando para o que estava a por vir colocar em prática tudo o que estava aprendendo em sala de aula.

Algumas aulas ficaram marcadas em minha memória como uma vez em que a professora Karla Bianca nos levou para uma aula prática dos efeitos do brincar e da brincadeira no pátio da universidade e tivemos que parar por supostamente atrapalhar outras turmas nos fazendo nos sentirmos como crianças que, quando estão brincando e certamente fazem barulho, são interrompidas pelos adultos no seu momento de aprendizado e diversão. Naquele momento, pudemos sentir na pele o que as crianças sentem quando são impedidas de continuar algo que é tão prazeroso para elas. As aulas na brinquedoteca também foram essenciais para esse processo de construção de saberes tanto nas aulas de didática, quanto ludicidade, e matemática nos mostrando ainda que até mesmo a mudança de ambiente em uma aula causa grandes efeitos. Foram inúmeras as oportunidades que tive de ter ainda mais certeza que a educação pode mudar nossas vidas desde a infância ou até mesmo em uma graduação, sendo capaz de nos ensinar como pensar melhor e ver as coisas ao nosso redor.

Durante o decorrer de todo o curso, fui me apaixonando cada vez mais pelo ensinar. Muitos desafios foram alcançados: pude aprender diversos conceitos que não passavam pela minha cabeça e cada dia mudava ainda mais meu modo de pensar e ver o próximo, principalmente respeitar as diferenças de cada um e ter a consciência que cada um vive um contexto diferente do outro e isso interfere muito em como aprendemos, nos relacionamos, pensamos e vivemos.

Posso dizer que muitos desafios ocorreram nesses últimos anos como discente. Muita coisa na qual não fazia parte da minha vida foi entrando, se encaixando e fazendo sentido. A correria do dia-dia e as mudanças familiares e socioeconômicas, de certa forma, também interferiram.

O medo de falar em público aos poucos foi sendo superado, alguns dons sendo descobertos. Conhecer novas pessoas, novos sentimentos, vivências, crenças. Todos esses acontecimentos foram se moldando e me transformando em uma nova pessoa com pensamentos e ideias diferentes, ideais mais humanos e cultos.

O contato com crianças em alguns eventos como estágio remunerado, aulas de reforço para crianças de idades e séries diversas na minha casa ou mesmo na casa delas, foram despertando ainda mais o desejo de estar em sala de aula mesmo não estando diretamente à frente da sala de aula, me proporcionou grande aprendizado e experiências que me possibilitaram mais confiança para enfim, contribuir com as mudanças essenciais na educação e ser um dia uma saudade boa de um aluno crescido e bem-sucedido, sejam em que área for.

Diante de todos os aprendizados que ia obtendo e as dificuldades de criar meus filhos, precisei colocar em prática, mesmo que de forma singela, meus conhecimentos pedagógicos e testificar ainda mais minha escolha pela pedagogia.

Foi aí que resolvi trabalhar através do estágio remunerado como auxiliar na escola Santa Luzia. Ali tive a oportunidade de mais uma vez me apaixonar pela educação escolar e seus efeitos. Permaneci ali por 3 anos acompanhando a mesma turma que eram jardim II, até chegarem ao infantil II. Na turma cheia de crianças adoráveis pude aprender com eles e com as professoras, Ana Carmem, Luciana e Marcela muito, como elas conseguiam colocar tudo aquilo que eu aprendia em sala de aula na prática, com sua forma dinâmica, organizada e criativa. Outra professora que me deixava admirada era a professora de Inglês. Suas aulas sempre chamam bem a atenção de todos, mostrando a importância de um bom plano de aula afinal

crianças pequenas não prendem a atenção por muito tempo necessitando de aulas bem preparadas e divertidas.

As aulas presenciais precisaram ser interrompidas no ano de 2020 devido a pandemia da COVID 2019. Fechar as escolas presencialmente então precisei encerrar esse estágio e ficar em casa, porém as aulas continuaram através do modo online, continuei cursando de forma remota, no início achei que seria impossível conseguir aprender a distância e que seríamos prejudicados, porém fui surpreendida com muitas aulas dinâmicas e professores preparados, que inusitavam a forma de ensinar, métodos interessantes usando o drive, aplicativos, vídeo e muitas outras coisas tornaram as aulas mais divertidas fazendo com que esse momento desafiador que todos passamos se tornasse um pouco mais fácil.

## **5.2 Os estágios em minha formação**

Os tão esperados estágios chegaram, estava muito ansiosa, pois sabia que através dos estagio teria um contato com a prática essencial para minha preparação para sala de aula. Aos poucos tudo ia voltando ao normal e chegava a hora dos estágios obrigatórios. Era hora de aprender ainda mais, agora na prática. Apesar de toda minha experiência em brincar de escolinha na infância e todo conhecimento adquirido no decorrer do curso, eu ainda me sentia insegura. Muita coisa precisava ser vista de perto, para esclarecer outras áreas da aprendizagem além de estar diretamente na sala de aula. Algo a mais precisaria acontecer para que eu me sentisse preparada tanto para dar aula quanto para estar à frente de uma gestão escolar e pedagógica.

O estágio me traria um olhar diferenciado sobre aquele caminho que eu escolhi para minha carreira, aprender sobre outros currículos me fez ver inúmeras possibilidades de como ser útil para uma educação de qualidade. É essencial que nós acadêmicos tenhamos esse contato de perto, e poder observar, relatar, questionar e até mesmo colocar em prática o que aprendemos em sala de aula, conversar e fazer essa troca de experiências com outras pessoas a fim de enriquecer os nossos conhecimentos e capacidades de agir diante de determinadas situações. Tive a oportunidade de participar de três estágios, o primeiro em gestão de sistemas e instituições educacionais podendo assim conhecer como funciona a gestão de uma escola e seus desafios.

Em seguida, estágio em anos iniciais aprendendo lidar com os desafios de crianças um pouco maiores e com meus desafios em pôr em prática pela primeira vez buscando ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem e por fim o estágio na qual mais me identifiquei que foi na educação infantil, crescendo ainda mais uma paixão por lecionar com crianças pequenas. Os três estágios foram significativos e me trouxeram segurança para um dia estar em sala de aula. Pude por pouco tempo ter a oportunidade de sentir na pele aquela experiência maravilhosa e receber o carinho daquelas crianças que me receberam de braços abertos, testificando ainda mais o quanto é gratificante trabalhar com crianças, que nos recebem com amor, sem malícia prontos a nos ensinar mais do que nós os ensinamos.

### **5.2.1 O estágio supervisionado em gestão de sistemas e instituições educacionais: minhas expectativas, desafios e aprendizagens.**

Quando iniciamos as aulas no primeiro período, todos estávamos meio eufóricos e ansiosos nos questionamos sobre os estágios. Ficamos aguardando aquele momento único e maravilhoso que nós teríamos a oportunidade de estar nas escolas, planejar aulas, questionários e tudo mais que fosse necessário, Porém, diante todos os acontecimentos devido a pandemia causada pelo o COVID-19, precisamos nos reinventar e tivemos a oportunidade de aprender outras formas de aprender por meio da tecnologia que para muitos ainda seria um desafio, porém, aos poucos fomos nos adequando aos dias atuais que vem nos ensinando a valorizar cada detalhe de nossas vidas , pessoas ou ao pequenos grandes gestos que antes estavam disponíveis e naquele momento eram tão escasso como o abraço.

Diante todo o processo de aprendizagem adquirido tanto nas disciplinas de gestão, estágios e demais disciplinas tive a oportunidade de tomar conhecimentos de inúmeros desafios na educação de crianças, jovens e adultos, tanto de crianças típicas como atípicas, de escolas urbanas quanto rurais. Diante disso, vimos quantas dificuldades devem ser trabalhadas a fim de que haja um progresso significativo na educação. Essa luta não cabe somente a um professor, gestor ou coordenador em particular, mas em conjunto todos em luta da educação com o apoio dos governos competentes podemos abraçar essa causa e fazermos nossa parte a fim desse progresso essencial para evolução e crescimento, parece meio clichê quando

falamos que é por meio da educação que todas as profissões são formadas, porém, não poderia deixar de comentar que a profissão mais importante, muitas vezes, é esquecida e até mesmo ultrapassada, precisando que haja urgentemente uma mudança no modo de ver o ensinar. Quando olhamos essa realidade mais de perto nos sentimos desafiados a fazer algo mesmo que não esteja sob nosso poder.

No decorrer das aulas de estágio supervisionado de gestão, que foram muito difíceis, nos perguntamos como fazer um estágio sem estar diretamente em contato com a escola. As aulas por meio do Google Meet muitas vezes eram cansativas e sentíamos falta do contato com professor e colegas. Isso nos deixava meio tímidos e pouco participativos fazendo com que nosso aprendizado não fosse cem por cento, porém, com toda sua delicadeza a professora Raquel Azevedo nos mostrou que sim é possível, nos trazendo textos, debates, convidados esclarecendo nossas dúvidas e nos fazendo refletir e conhecer a fundo as vivências em uma escola. Todas as dificuldades e experiências a fim de nos levar a significativas reflexões das problemáticas que iremos encontrar pela frente. Precisamos ainda continuar em busca de aprendizados, afinal, sempre há algo a aprender, para que, enfim, sejamos gestores, coordenadores e professores prontos para, mais que transferir conhecimento possamos ser mediadores eficazes que possibilitam que o aluno busque esse conhecimento e ame o que ele está aprendendo a fim de se perceber como ser em constante construção. Freire (2008,p.85-86) nos explica que:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar..

O autor nos leva assim a considerar que a educação não é ser neutra e sim participativa e com isso influenciadora na sociedade, sendo capaz de despertar desejo por mudanças e nos preparar para que as alcancemos, nos fazer acreditar que somos capazes de todas as coisas e que precisamos buscá-las, pois através dos nossos esforços e podemos obter o que desejamos, a educação abre muitas portas para que alcancemos uma vida mais cheia de oportunidades de crescimento social.

### **5.2.2 Estágio supervisionado: Docência nos anos iniciais do ensino fundamental.**

Com o estágio supervisionado em docência nos anos iniciais do ensino fundamental não poderia ser diferente. Nos deparamos mais uma vez com a possibilidade de crescermos em conhecimento e experiências, pois colocamos em prática tudo o que aprendemos. Foi enriquecedor e possibilitou maior conhecimento em sala de aula. O estágio supervisionado em docência nos anos iniciais se fez necessário diante das relações em sala de aula, onde acadêmicos e alunos tiveram várias experiências, desde o contato com essa realidade social nas escolas tanto dos alunos como professores. Conhecer como funciona a sala de aula; trocar saberes com outros profissionais e alunos; colocar em prática nossas ideias e acima de tudo nos desafiar a fim de superar nossas dificuldades nos dar a oportunidade de reflexão sobre a prática docente, a fim de que possamos nos qualificar a cada dia para contribuirmos com um ensino de qualidade. Esses são os objetivos do estágio que nos oportuniza criar novos saberes na qual nossas metodologias e conceitos poderiam ser aprimorados.

No estágio supervisionado, tivemos possibilidades de colocar em prática tudo que aprendemos no decorrer da nossa vida acadêmica. Conhecer de perto a realidade social da sala de aula, e fora dela, afinal, em todos os lugares se faz necessário o aprender. Está frente a frente com os alunos é de extrema importância para que possamos colocar em prática toda a pedagogia adquirida até então apenas na teoria. Conhecer as dificuldades em sala de aula, dificuldades em aprender a fim de buscar soluções como futuro educador, estar diante de uma turma ou aluno, muitas vezes, pode nos deixar apreensivos. De início, devido à falta de experiência, mas algo que fará todo o diferencial nesse momento é o planejamento, para que assim tenhamos o controle dos passos que daremos de ali em diante, mais que observar e relatar é necessário que possamos trocar experiências, com o professor em aula, buscar as melhores formas de trabalhar com o aluno. Bernardy acredita que:

O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento

pessoal e profissional. “Além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade” (Filho, 2001 apud Bernardy; Paz, 2012, p.1).

Diante disso, notamos que o estágio supervisionado acrescenta em nossa vida profissional, nos traz experiências significativas, para nossa formação e pessoais. Buscar novos conhecimentos nunca é demais e a prática é uma das melhores formas de aprender. O contato com o aluno nos trará o desenvolvimento do nosso aprendizado adquirido em nossa formação. Diante dos desafios, podemos buscar superá-los e desenvolver o trabalho pedagógico. Uma luta constante que todo o corpo docente almeja são os avanços em alcançar as metas estabelecidas diante do PPP (Projeto Político Pedagógico) e cabe a nós estagiários nos prepararmos para nos juntarmos a essa luta, afinal, o estágio é uma parte da preparação para esse trabalho, pois:

Pimenta e Lima (2004) reforçam que “(...) a finalidade do estágio é propiciar a o aluno uma aproximação da realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria parte prática do curso” ( Pimenta; Gonçalves, 1990, P.45 apud Pimenta; Lima, 2004).

Proporcionando-nos a oportunidade do contato real com o trabalho que estamos aprendendo, nos permitindo colocar na prática tudo que pudemos aprender em sala de aula. Diante da pandemia de COVID- 19 nos vimos obrigados a mudar nossos hábitos, pensamentos, cuidados com a higiene e muitos outros. Sendo assim, o estágio precisou se adaptar ao nosso novo normal. Então, foi necessário utilizar plataformas digitais, aplicativos, mensagens e ligações, a fim de acompanhar os alunos em seu aprendizado, enfrentando várias dificuldades, desde a falta de acesso às plataformas de ensino, falta de internet, bem como dificuldades pedagógicas. Foi necessário um “jogo de cintura” para poder despertar o interesse em muitos alunos pela educação que de certa maneira ficou um pouco de lado diante de tanto medo, incertezas e luta pela saúde e a vida. Tive a oportunidade de viver três experiências significativas no meu estágio: as aulas de fundamental relevância para meu crescimento na qual clareou meu modo de ver o estágio, com participação de outros profissionais como o professor Carlos Humberto em palestras que ampliaram nossas expectativas em relação à disciplina e a parte prática do estágio, exaltando a sua importância para nosso conhecimento e experiência

pedagógica. No segundo momento, tive uma oportunidade incrível de entender que a educação está além da sala de aula. Há muitas crianças em situações na qual estão impossibilitadas de irem à escola e passam por momentos que precisam redirecionar esse aprender, crianças que estão doentes e necessitam ficar internadas por dias em um hospital qual ao meu entender até então estariam afastadas do ensino com um profissional, e por fim o momento individual com alunos que estavam enfrentando dificuldades com o acesso da plataforma e com dificuldades no aprendizado.

Com isso, o estágio supervisionado nos anos iniciais foi dividido em dois momentos práticos: o primeiro no HMII hospital infantil de Imperatriz onde pude aprender muito como me reinventar, afinal estávamos fora da sala de aula com crianças passando por momentos difíceis, doentes e assustados. Ainda em tempos de pandemia, usávamos todas as formas possíveis para tentar chamar a atenção daquelas crianças, como músicas, histórias, fantoches, balões, recursos pedagógicos, jogos e tudo mais que conseguimos para fazer aquele momento mais prazerosos e que, de alguma forma, elas aprendessem também. Muitas vezes não fazemos ideia do que passa fora dos nossos olhos, ao imaginarmos o estágio dirigido nos anos iniciais imaginamos uma sala de aula um professor dando aula e o estagiário observando e anotando tudo, diante estes pensamentos pude me ressignificar e aprender que a Pedagogia vai muito além. Estar em um hospital para estágio nos faz refletir de que maneira podemos agir e nos reinventar, afinal, não estávamos restritos à sala de aula. Tínhamos os leitos, brinquedotecas, sala de recepção e todos os outros setores onde as crianças se encontram. Estas que, no ambiente hospitalar, estarão, além de doentes assustadas por estarem um ambiente diferente do seu dia a dia com todos os medos que possuem. Assim, futuros pedagogos, que até então viam a sala de aula como desafio, percebem muito mais poder em suas mãos, pois agora precisam colocar em uso suas práticas em um novo desafio. Ensinar crianças enfermas exige muito de cada um, pois devemos respeitar a sua situação, dificuldades e buscar o melhor momento. Outro fator importante é estabelecer o que será trabalhado, pois nem sempre é possível uma rotina pedagógica, já que, possivelmente, seu período ali será breve, mas, mesmo assim, não deve ser ignorada, a rotina cansativa de um hospital. Pode ser entediante para as crianças e estudar pode ser um diferencial no seu dia tornando

assim o educar em algo prazeroso, sendo necessário do professor e estagiário dedicação e um plano pensando na situação individual de cada um vendo todas as possibilidades.

Ao ter a oportunidade de aprender na prática sobre a importância da pedagogia no hospital, acompanhando as crianças nesse período conturbado de suas vidas, podemos observar e atuar para que seus dias ali tivessem fossem mais significativos e pode, fazer que estivesse disposta a aprender diante as mais diversas metodologias planejadas especialmente para cada situação e para setor do hospital. Na brinquedoteca eram feitas diversos tipos de atividades, pois seu espaço especialmente planejado era perfeitamente adequado. Brinquedos e jogos à vontade para que as crianças pudessem buscar suas preferências e despertar sua imaginação. Tínhamos ainda as atividades para colorir, blocos de encaixe, origami, músicas e vídeos com diversas historinhas a fim de transformar aquele momento difícil em algo prazeroso. Também apresentamos filmes dos mais divertidos e educacionais, sempre com uma mensagem no final. Nós, estagiárias, estávamos ali para auxiliar e aprender o contexto social de todos e como agimos diante da diversidade. Algo diferente é que ali continham crianças de todas as idades de diversas características e situações onde a maioria não estava feliz, mas o que todas queriam era, enfim, tornar aquele momento mais fácil. Tínhamos ainda as enfermarias onde foi o momento que poderíamos trabalhar contação de histórias com fantoches, cantar, conversar e interagir com as crianças.

Cada dia, novas crianças, já que a maioria se recuperava e logo ia para casa. Tínhamos ainda a recepção e sala de espera que nos possibilita atividades rápidas, brincadeiras com balões distraindo as crianças a fim de tornar a espera mais rápida, além de todas as experiências maravilhosas no hospital, conhecer todos que ali estavam desde pacientes, mães na maioria das vezes, funcionários, pudemos conhecer várias histórias de vida e adquirir a vontade de continuar nesse trabalho tão gratificante e ver a importância daquelas crianças para nosso aprendizado e a nossa importância para aquelas crianças. Certamente nos guardaram em suas memórias, amenizando sua visão sobre os hospitais.

Devido à pandemia, as aulas de início passaram a ser online pela plataforma GEDUC, porém a realidade social de muitas famílias impossibilitou muitas crianças

acompanharem essas aulas, por falta de recursos tecnológicos, internet, acompanhamento dos responsáveis que nem sempre sabem como o fazer, todos esses fatores afetaram a educação trazendo um atraso significativo, o estágio precisou se adaptar diante esta situação, pois estaríamos impossibilitados de estar diante uma turma em aula presencial. Desta maneira, foi necessário buscar meios junto aos professores para acompanhar parcialmente esses alunos tanto de forma online acompanhando as atividades de casa para aqueles que acessaram a plataforma quanto aqueles com dificuldades no aprendizado e na plataforma com auxílio de blocos de atividades entregues para os primeiros quanto às aulas particulares para os casos mais complexos. Esse ato de se preocupar individualmente com cada um e ver suas necessidades nos desperta novas formas de desenvolver nosso trabalho pedagógico, nos aprimorar e, com isso, possibilitar que essas crianças também possam aprender. Nos dedicamos diante desses desafios traz inúmeras possibilidades de aprendermos com os demais a transformar nossa realidade educacional. Tive a oportunidade de estar na escola Santa Maria acompanhando crianças que tinham dificuldades ao acesso à plataforma já que as aulas presenciais estavam suspensas, porém, vendo a necessidade individual daquelas crianças, a escola decidiu atendê-las individualmente para um reforço escolar. E a falta de apoio familiar tornou esse planejamento difícil de ser realizado, pois as crianças raramente apareciam, mesmo todos os cuidados sendo tomados.

A educação deve ser prioridade mesmo em tempos de pandemia. Podemos perceber o efeito que a falta dela faz no desenvolvimento das crianças. Diante disso, o estágio na escola adequado a pandemia possibilitou essa visão de como as crianças sem acesso a plataforma que precisaram de atividades extras estavam regredindo, outras crianças com dificuldades no aprendizado tiveram nesse período um olhar a mais, foi necessário olhar cada uma e sua necessidade e juntas professor e alunas discentes em seu processo de estágio ressignificam o ensinar buscando adaptações para cada uma.

De forma pessoal, diante do estágio, fui direcionada para uma escola na qual fiquei acompanhando uma turma de 3º ano mais precisamente duas alunas que iam em dias alternados da semana. Ambas tinham dificuldades com a leitura e escrita na qual foram elaboradas atividades lúdicas como bingo de letras, caça palavras, jogos e leituras de historinhas infantis, a fim de despertar nelas o desejo pela leitura. Cada

dia uma nova metodologia, buscando sempre que aquele momento se adquirisse conhecimento de forma agradável e pudessem desenvolver seu aprendizado. Elas se mostraram bastante interessadas em tudo aquilo e aos poucos houve um engajamento em busca do saber, mesmo diante de toda a realidade apresentada por cada uma delas e sua situação social, pudemos observar o efeito causado pelo trabalho com cada uma e despertando assim um pensamento na qual todos somos capazes de aprender, porém para cada um é necessário uma metodologia que se encaixe nas suas dificuldades e interesses.

### **5.2.3 Estágio em docência na educação infantil**

Tive a oportunidade de viver experiências significativas no meu estágio: as aulas de fundamental tiveram relevância para meu crescimento na qual clareou meu modo de ver o estágio. A Professora Karla Bianca nos ajudou esclarecendo as dúvidas na prática do estágio, exaltando a sua importância para nosso conhecimento e experiência pedagógica. Tive uma oportunidade incrível de entender que a educação está além da sala de aula; que podemos ser criativos e utilizar tudo em nossa volta para ensinar, que devemos respeitar as dificuldades de cada um tentar entender para assim conseguir os meios adequados e ajudar todos nesse processo; que estamos diante de desafios que podemos superar que precisamos está em constante formação e em busca de novos aprendizados para adequar da melhor forma nossos conhecimentos ao passar para as crianças.

O estágio me fez ver que nem sempre tudo sai como planejado e que é indispensável além de planejamento, dedicação, um “bom plano B” para demais contratemplos que geralmente acontecem, que o planejamento deve ser pensado, pesquisado e inovador a fim de construir atividades que despertem a atenção dos alunos e se torne significativa para cada um. Aprendi ainda que os recursos são fundamentais para esse processo, pois, com eles o aprender se torna prazeroso. Muitas vezes, não fazemos ideia do que passa fora dos nossos olhos. Ao imaginarmos o estágio, pensamos uma sala de aula um professor dando aula e o estagiário observando e anotando tudo. Diante destes pensamentos, pude-me ressignificar e aprender que a Pedagogia vai muito além, estar em sala de aula para estágio nos faz refletir de que maneira podemos agir nos reinventar afinal não estaremos restritos à sala. Teremos muitos ambientes e possibilidades. Outro fator

importante é não desperdiçar as oportunidades que surgem durante o dia a dia para ensinar, uma vez que em todos os momentos podemos nos agarrar a elas e apresentar algo novo aos nossos alunos.

Atuei no estágio em docência na educação infantil na escola Municipal Jair Rosignoli, uma creche pro-infância nas turmas de maternal I, e 1º período encarando o desafio de aprender com as crianças a melhor maneira de ajudá-las. Mediante esse novo desafio, inicialmente observamos a escola que é agraciada com um espaço amplo e arejado, uma escola perfeitamente planejada e adequada aos alunos e sua faixa etária, localizada na rua dos tucanos, bairro Santa Inês, um bairro que tive o prazer de morar por muitos anos, o que tornou esse momento mais prazeroso ainda. Esse primeiro momento de observação foi acompanhado pela gestora Maria Lídia Batista Soares., A Escola funciona no período de 7;30 as 17;30, possuindo 4 turmas integrais, está disposta turmas desde o maternal ao 2º período, com salas amplas, arejadas e refrigeradas, espaço de lazer externo individual para cada sala e espaço para dormir nas salas de ensino integral. A escola possui refeitório, escovódromo, biblioteca, brinquedoteca e parque, possui 10 crianças com laudo de alguma necessidade especial, na sua maioria autistas que são acompanhadas por cuidador. Observamos uma rotina organizada onde todas as turmas têm dias e horários nos espaços da escola onde podem ser ajustados ao plano de cada uma.

Algo que me chamou a atenção é o PPP da escola que está exposto para todos observarem, bem organizados e é seguido em todos os momentos, buscando sempre melhorar o aprendizado e convívio de todos ali. Pudemos olhar atentamente e ter um contato físico com o tão mencionado PPP, atentos à importância do brincar e como é indispensável no desenvolvimento da criança. A escola possui ainda vários recursos confeccionados por eles mesmos para o uso das crianças.

As turmas possuem cerca de 25 alunos por turma, exceto nos berçários que possuem 18 alunos, professor, auxiliar e cuidador, quando necessário. Podemos de início, observar as professoras dando aula e como elas executavam seu trabalho. Aprendemos observando, perguntando e imaginando como faríamos em cada situação, ansiosas e temerosas por nossa vez de executar a tão sonhada aula. Na primeira turma de observação, maternal I a professora Dayane demonstra carinho e paciência em cada momento. de início, a troca de fraldas, lanche. Logo após a parte

pedagógica, onde ela usa sempre meios encontrados ali mesmo para ensinar, o interessante é ver o modo de falar que prende a atenção dos alunos de forma carinhosa. Na turma de 1º período, a professora Raimunda, chamada de Ray, é muito criativa em suas aulas sempre com boas histórias e o auxílio da Ninoca, uma personagem que ela criou para auxiliar em suas aulas na qual dá vida a um ursinho de tricô e as crianças adoram. Uma turma disciplinada que sabe o momento de brincar e de falar sério. Tem ainda as brincadeiras preferidas em turma que eles sempre querem repetir. Os recursos pedagógicos que ela utiliza mostrando, enfim, tudo que aprendemos na prática em sala de aula por professores reais, nos mostrando que a pedagogia pode sim ser prazerosa para todos, tudo dando asas à imaginação.

Após observarmos tudo atentamente e tiramos as dúvidas em sala de aula foi o momento de planejarmos tudo para a regência. O diferencial nesse momento é que tivemos aula com a professora Karla nos direcionando a cada passo trazendo assim mais confiança no passo seguinte a ser realizado. Já havia feito muitos planos em sala de aula mas nesse momento não foi igual pois, necessitava fazer um plano contínuo baseado no que os alunos estavam aprendendo seguindo a rotina deles e o plano da professora da sala. Foram necessárias pesquisas, pensar em cada turma e em suas dificuldades, adequar a rotina de cada dia, e criar recursos e atividades casa e sala para cada dia. Foram horas de preparação, mas a cada dia pronto a sensação de prazer e dever cumprido era satisfatória. Depois de tudo organizado, aprovado, era hora de iniciar, uma semana em cada turma na qual pude descobrir que você planeja muitas coisas e acha que não vai dar tempo e, no fim, sobra tempo e você precisa acrescentar algo, mas por você ter se preparado, isso não se torna difícil.

Outro aprendizado adquirido é que, às vezes, algo simples pode prejudicar todo seu plano como, por exemplo, a falta de água e você vai precisar se reinventar. Outro fator importante é em como é prazeroso se divertir enquanto ensina e ver cada sorriso, olhar e palavra de carinho das crianças, em como a pureza delas e carinho são instantâneos. O pouco que você faz eles são imensamente gratos e isso você guarda para a vida inteira. Durante esse estágio, pude ainda participar da Semana do Brincar e ver como uma equipe unida que planeja e coloca em prática pode deixar marcas e fazer muitas vidas mais felizes, e que não é apenas as

crianças que necessitam do brincar, mas todos nós, pois o sorriso é contagiante. A felicidade instantânea e o brincar essencial para o aprender, desenvolver e crescer.

Ao colocar em prática a regência no estágio na turma do maternal, a professora Dayane me disponibilizou as páginas a serem trabalhadas. Diante disso, poderia levar histórias, rimas, músicas, recursos e brincadeiras dentro do contexto a ser estudado. Levei, de início, a história dos 5 patinhos na qual as crianças ganharam patinhos de dedochê para brincar e levar para casa. Aproveitamos a historinha e utilizamos a música dos 5 patinhos usamos atividades do livro. Levei o recurso do patinho resolveu mudar de cor com música e recurso mágico que o patinho mudava de cor. As crianças amaram. Tivemos ainda garrafinhas mágicas que, ao sacudir, aparecia uma cor e as crianças deveriam reconhecer a cor. Elas adoravam sacudir a garrafinha e descobrir que cor iria aparecer e associar qual fruta era daquela cor. Histórias como o Davi e Goliás contadas de forma a exaltar as diferenças de cada um com auxílio de bonecos, fizeram sucesso. As crianças demonstravam estar gostando o tempo todo e, apesar de uma rotina corrida por ser uma turma de tempo integral, deu pra fazer bastantes coisas, porém, ainda me sentia meio perdida. Mesmo com toda minha experiência, as crianças eram menores, com isso vi que não era fácil manter a concentração delas por muito tempo tendo sempre que inovar até mesmo no tom de voz.

Na turma de 1º período, me sentia mais confiante, pois já havia observado algumas coisas que funcionam mais e outras menos e estava cheia de ideias, o tema da semana era saúde então vi muitas possibilidades para trabalhar facilitando o meu trabalho já que não precisei ficar presa às páginas do livro. Trabalhei saúde bucal, hábitos de higiene, exercícios físicos, alimentação saudável e o brincar que também é saúde. Histórias, rimas, recursos, e atividades práticas foram o diferencial. Observei que elas gostam muito da prática. Teve também atividades impressas com pinturas e colagem, para expor no varal das recordações. No dia de hábitos de higiene, ele aprenderam a forma adequada de lavar as mãos e o interessante que no outro dia eles estavam seguindo passo a passo. Na saúde bucal, levei escovas de dentes para todos e eles, além de aprender, puderam ganhar esse presente e demonstraram gostar muito. Teve brincadeira de amarelinha e muitas brincadeiras, mas o marco da semana foi na alimentação saudável, quando eles puderam provar várias frutas diferentes. Passavam por eles todas cortadinhas para que pudessem comer à vontade. Foi uma festa de frutas e é extremamente prazeroso ver como

eles estavam gostando. Alguns queriam até levar para casa. Mais que ensinar, pôde aprender ver como elas são gratas por aulas bem preparadas. Com coisas diferentes, mostram que aprender não tem que ser algo repetitivo, sentado, ou mesmo chato, mas que podemos aprender enquanto nos divertimos despertar o desejo em ir à escola descobrir algo novo e levar para toda a vida.

### **5.3 Das aulas à prática**

Durante todo meu processo de ensino, fui me preparando para minha vida como professora. Algo que não imaginava é que não demoraria muito para que colocasse em prática tudo que havia aprendido desde o início das aulas teóricas e ressignificado ainda mais durante os estágios. Voltei com minhas aulas de reforços, tanto em casa quanto particulares, para ajudar crianças em seus desafios, algo que me fez ter ainda mais confiança em sala de aula, que no início, me lembrava aquelas brincadeiras de escolinha, porém, agora precisava fazer de acordo com o que havia estudado e tinha comigo um grande amigo que me ajudaria e me direcionaria em minhas aulas. O bom planejamento mostrou ser uma arma poderosa em minhas mãos em meus momentos de dificuldades, algo que precisaria sempre de muito cuidado, pesquisas e organização. Logo mais iniciei aulas para os jovens na igreja e, aos poucos, carregando comigo o nome de professora, mesmo sem ainda está formada. Já tinha orgulho de tudo que conquistava. Me destacando com meu carinho e cuidado naquilo que me sujeitei a fazer, lecionar para as pessoas ao meu redor, notando minha dedicação de alguém que anseia em aprender mais e fui então chamada para trabalhar em uma turma de jardim II em uma escola particular da cidade que, mesmo sem minha formação completa, me deu um voto de confiança, me deixando realizar meu sonho de ensinar enquanto aguardo minha formação para assumir o concurso municipal na qual fui chamada e por formalidades fui impossibilitada provisoriamente, confiando que tudo está nas mãos de Deus e logo poderei dar mais um passo em direção aos meus ideais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo este trabalho, evidenciando a importância da educação escolar no processo formativo da mulher pedagoga, que acredita que através da educação ela pode mudar o mundo, começando por sua própria história. Visando toda minhas experiências e impactos que ocorreram durante toda minha trajetória na educação escolar ressignificando meus pensamentos, ações, objetivos, acreditando ainda mais nos meus ideais para que continue buscando cada um dos meus objetivos. As experiências adquiridas me fizeram ver o mundo com mais possibilidades, me fizeram acreditar nas possibilidades de mudanças e construção do meu próprio caminho. Refletindo como a educação escolar provoca mudanças no âmbito social e pessoal, mudando até mesmo nossa forma de pensar e ver o mundo. Como a educação escolar provoca a busca por emancipação, tendo a pedagogia como apoio para tais transformações. Ressaltando a importância das vivências escolares em todo nosso processo de ensino aprendizagem, e como elas podem ressignificar nossa história, nos direciona para buscar um novo caminho, e acreditar que somos capazes de alcançar cada um de nossos desafios.

Temos a educação escolar como fonte de apoio que nos mostra que podemos ressignificar nossas vidas e que podemos através do conhecimento redirecionar nosso destino, a educação desde nossa infância nos proporciona a capacidade de pensar, pensar certo de acordo com Freire(2008) podemos ser sujeitos da nossa própria história, e escrever ela de acordo com nossos desejos , podemos intervir em nossa realidade na qual não estamos satisfeitos e fazer nossos sonhos reais. Através da pedagogia, busco por mudanças sociais na minha vida, primeiro na minha infância quando a educação me ensinou valores, prioridades, e me fez cada dia querer condições melhores de vida, ter conforto, uma boa alimentação e poder ser capaz de proporcionar tanto a mim quanto a minha família o que desejamos. Depois quando na minha formação pude abrir minha mente e veras coisas de uma forma mais limpa onde nossas diferenças não determinam quem é melhor e sim que nossas diferenças nos tornam melhores a cada dia, e for fim em como a pedagogia como profissão me faz ajudar outras pessoas no processo de ensino da mesma maneira como eu fui ajudada por diversas vezes.

Trazer um pouco das minhas vivências escolares e todos os fatores em minha história que me fizeram chegar onde estou como pedagoga, acreditando que sempre podemos buscar por melhoras e que não devemos nos conformar com nossa situação atual visando isso não me conformei com a situação na qual me encontrei por muitos anos da minha vida, primeiro como mulher submissa que precisou criar coragem e se desafia a enfrentar todos por sua formação, ir contra tudo para alcançar seu sonho pela pedagogia que desde criança sempre esteve entrelaçado em sua história mostrando a importância da educação escolar em todas as fases da vida. Superando ainda as dificuldades de voltar a sala de aula mesmo depois de tanto tempo afastada e precisar me redescobrir como estudante, novos aprendizados, experiências e oportunidades de consolidar ainda mais minha tão sonhada formação em pedagogia que me fez acreditar por melhores condições de vida tanto financeira quanto social em fazer parte do aprendizado de muitas crianças que poderão passar em minha sala de aula compartilhando juntas momentos maravilhosos de crescimento para ambos os lados.

Trouxe ainda meus medos e dores nas quais muitas vezes escolhi fingir que não aconteceram, mostrando que nossas dificuldades podem ser superadas e vitórias alcançadas, que todas as dores necessitam ser curadas e que muitas delas pude suportá-las com maior facilidade através da educação que recebi da minha amada família e da minha amada pedagogia que, muitas vezes, me mostraram ser bem mais do que aprendemos em sala de aula e que por tantos momentos estiveram presentes em cada detalhe do meu destino, aprendi que muitas dores e lutas de nós mulheres foram alcançadas através dos tempos e todos esses avanços refletiram na infância da minha mãe que com todas as dificuldades e mesmo acreditando no poder da educação escolar não conseguiu concluir o ensino médio, mas já pode usufruir de muitas conquistas às quais acredito que ainda que reflita nas minhas escolhas que mesmo diante tantos desafios para conseguir uma formação com 36 anos ainda sim tive essa oportunidade, e hoje posso criar meus filhos sem a necessidade de um pai ao lado mesmo sendo uma tarefa árdua, e por sequência no reflexo das lutas das mulheres pelos direitos que hoje minha filha pode ter respeitados, seus desejos e escolhas na vida pessoal e ainda poder ingressar no nível superior recém saída do ensino médio sendo ainda mais um orgulho mostrando que também acredita na educação como mudança de vida.

Esse memorial traz a história de três mulheres lutadoras que acreditaram na educação escolar como uma forma de superar as dificuldades e dores no decorrer da sua história, mulheres de gerações diferentes, histórias diferentes, ideais diferentes, mas algo em comum, o sonho por mudanças, mulheres que acreditaram no seu potencial e que o fato de ser mulheres pra elas não eram desvantagem e sim um privilégio, pois sabiam de sua força e anseios, que mostraram que não devemos desistir dos nossos sonhos e mesmo que pareça perdidos poderemos buscar mudanças, podemos lutar pelo que acreditamos e não nos conformar com o que nos foi condicionado.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.R. **Os impactos da educação de jovens e adultos na vida de mulheres nos municípios de Barra de Santana**. Paraíba, 2005.
- BERNARDY, K.; PAZ, D. M. T. **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores**. Nov/ 2020.
- BOMFIM, B. C. & BRITO, A. A. A Trajetória Social, Política e Cultural da Mulher no Brasil. in: **Revista do Ministério Público**. Rio de Janeiro: MPRJ, nº 43, Jan/mar 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** : Saberes necessários à prática educativa, ed. Paz e Terra, 38ª edição, São Paulo-SP, 2008.
- FREIRE, P. **Educação como prática para a liberdade**. 14ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LIBANÊO, J.C. **Didática**, São Paulo -SP editora Cortez, 1994.
- LOPES, R.C.S. **A relação professor-aluno e o processo de ensino aprendizagem**. Paraná, 2009.
- MOURA, J.F. **Pesquisa e Formação**: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática. Itetiba/ SP 2019.
- OLIVEIRA, L.A. **A trajetória da mulher na educação brasileira**: traços da história, Vilhena- RO, maio 2021.
- ROSA, T.A. **Mães solteiras**: apoio ou exclusão? um estudo da revista Crescer e Pais e Filhos, 2005.
- SANTOS, G. R. ; PONTE, A. S.; SILVA, T. F. **Abuso sexual infantil**: impacto no comportamento da criança e perspectivas para a Terapia Ocupacional **Revista Família**, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, vol. 2, Sup., 2021 Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil.
- SOARES, K. M. **Da Lavra ao Livro**: O Entrelaçamento das Trajetórias de Formação de uma Lavradora e uma Pedagogia. Imperatriz - MA: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, 2018.
- SOUSA, J.E. **A relação entre a formação inicial e as trajetórias de incorporações de hábitos de escrita de estudantes de pedagogia**. Fortaleza-Ce 2020.